

POR UMA EDUCAÇÃO
NÃO DISCRIMINATÓRIA
DE JOVENS E ADULTOS

o=a

Nunca é tarde



Orientação Sexual
na Educação



Nunca é demais

ÍNDICE

1 - NUNCA É TARDE NUNCA É DEMAIS	5
2 - NEM RECEITA NEM MAGIA A PROPOSTA DESTE MANUAL	7
3 - ORIENTAÇÃO SEXUAL NO ESPAÇO VIVO DA ESCOLA	8
4 - QUAL O PALAVRA QUE NUNCA FOI DITA ? DIGA...	11
5 - SEXUALIDADE(S) E SEXO CICLOS DA VIDA	13
6 - A SUSTENTÁVEL LEVEZA DO SER EXISTIRMOS, A QUE SERÁ QUE SE DESTINA ?	16
7 - SEXUALIDADE(S) UM TEMA TRANSVERSAL E INTERDISCIPLINAR	18
8 - NOSSAS HERANÇAS A HISTÓRIA DA SEXUALIDADE NO MUNDO OCIDENTAL	21
9 - NÃO EXISTE PECADO DO LADO DE BAIXO DO EQUADOR ...A HISTÓRIA DA SEXUALIDADE NO BRASIL	23
10 - PLURALIDADE CULTURAL E SEXUALIDADE(S)	25
11 - GÊNERO: QUE BICHO É ESSE ?	27
12 - CORPO: FONTE DE PRAZER	29
13 - O ESPELHO: DO CORPO E DA ALMA AUTO-CONHECIMENTO	31
14 - ASSUNTOS PARA HOMENS E MULHERES CICLO MENSTRUAL, GRAVIDEZ, PARTO E ABORTO	35
15 - PRÁTICAS SEXUAIS	43
16 - PRA QUE RIMAR AMOR E DOR ? ASSÉDIO SEXUAL, ESTUPROS E TANTA VIOLÊNCIA...	46
17 - CONTRACEPÇÃO TAMBÉM TEM HISTÓRIA	47
18 - UMA HISTÓRIA QUE SE REPETE DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS	49
19 - O IMPÉRIO DO EFÊMERO CORPO - SEXUALIDADE - MODA - PROPAGANDA E MÍDIA	56

1 NUNCA É TARDE NUNCA É DEMAIS

Há 10 anos a REDEH - Rede de Desenvolvimento Humano - vem realizando trabalhos, através de capacitações, oficinas, pesquisas, sobre saúde sexual e reprodutiva e meio ambiente, dando ênfase à perspectiva de gênero.

Visando contribuir para a difusão dos temas transversais, traçados nos Parâmetros Curriculares Nacionais, a Redeh vem desenvolvendo desde 1997 rica parceria com a Secretaria de Ensino Fundamental/MEC através do projeto "Por uma Educação não Discriminatória", que engloba elaboração de material e capacitação de educadores(as).

Iniciado com o tema Gênero e Cidadania, o projeto seguiu com Etnia/Raça. Em 1999 nossa produção foi dedicada à "Educação por um Planeta Saudável" e agora à "Orientação Sexual".



São temas que se relacionam, se complementam e ampliam o leque de possibilidades para um trabalho nas escolas ou em qualquer espaço comprometido com a educação e com a erradicação de discriminações, que nada contribuem para o exercício pleno da cidadania.

A questão da sexualidade abordada nas capacitações realizadas pela REDEH, tanto na educação formal quanto na chamada educação informal, sempre gerou curiosidades, polêmicas "ardorosas" e, principalmente, demanda de maior aprofundamento, especialmente, do "como fazer", isto é, como abordar o tema com os(as) alunos(as) de maneira mais comunicativa, mais segura e sem preconceitos.

Escrever um manual como este é um desafio. O tema é abrangente, complexo e inesgotável. Cada educador(a) tem a liberdade de iniciar pelo que achar mais apropriado, de acordo com os interesses e as curiosidades de seus alunos(as).

Deixar para depois é não assumir responsabilidade para com os(as) alunos(as), para com a necessidade tão cotidiana como cotidiano é o sexo. Nada melhor que o dia a dia da sala de aula, aliado à experiência que possui cada educador(a), para estimular iniciativas e criatividade no trabalho com tão "calorosa" questão.

A Orientação Sexual enquanto tema transversal pode tornar a sexualidade uma questão muito mais rica do que transformá-la em uma disciplina, com poucos(as) detendo um saber sobre algo que diz respeito a todos e todas: alunos(as), educadores(as) e toda a comunidade escolar. A escola deve priorizar a integração entre diretores(as), educadores(as) e funcionários(as) para que se comprometam a ouvir e estar atentos(as), informados(as), sem anular a especialidade e o lugar de ninguém, respeitando a maior ou menor disponibilidade (seja de tempo, seja de identificação) que cada um(a) possa ter para trabalhar, sem tabus e sem preconceitos, o tema.



2 NEM RECEITA NEM MAGIA A PROPOSTA DESTE MANUAL

Não se trata aqui de receitas, mas de pistas, resultados de reflexões, discussões, pesquisas, leituras. Apostamos em uma metodologia participativa em que as experiências de vida são sempre levadas em conta e servem para destacar os temas que afloram no mundo tão imenso e intenso que é o da sexualidade.

Pressupõe-se estar o(a) educador(a) "atenado(a) com o seu tempo", "sem venda nos olhos", informado(a), atualizado(a), envolvido(a).

Ele(a) poderá utilizar o material para trabalhar cada fase da vida e, ao mesmo tempo, relacioná-la com as demais. Se trabalha com adolescentes, terá informações específicas sobre esta fase, sem perder de vista a relação que a adolescência tem com a infância e o quanto ela se configura como um intermédio e caminho para a fase adulta. O mesmo acontece quando se trabalha com jovens e/ou adultos(as).

Para cada estágio da vida, deve-se buscar informações específicas e metodologia apropriada.

Com segurança e criatividade deve-se problematizar e debater para que os(as) alunos(as) possam ter a oportunidade de chegar a conclusões, e solicitar, com confiança, a informação, que deve ser clara, direta, ampla e flexível.

Também atendendo o pressuposto da transversalidade, o manual foi organizado de forma que o(a) educador(a) das disciplinas estabelecidas como básicas do ensino fundamental - Língua Portuguesa, Estudos da Sociedade, Estudos da Natureza e Matemática - possam trabalhar a Orientação Sexual. É importante que haja integração entre os(as) educadores(as).

O que pode ser encontrado neste manual: informações que podem se adequar a cada especialidade integrando-a com as demais e algumas sugestões de atividades.



3 ORIENTAÇÃO SEXUAL NO ESPAÇO VIVO DA ESCOLA

Quando se entra em algum espaço dedicado à educação seja de crianças, de jovens ou de adulto(as), a imagem que se tem é a da vida pulsando, da energia e do movimento. Educar, transmitir conhecimentos, estudar podem ser momentos de grande prazer e crescimento. Momentos de vida.

Obter informações, tanto do ponto de vista científico quanto do ponto de vista da realidade, é direito de todos: educadores(as) e alunos(as). Aprender a ensinar e ensinar a aprender é o desafio.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, ao inserir no contexto da educação os temas transversais, entre eles a Orientação Sexual, contribuem para a ampliação de conteúdos e métodos.

Dentre as questões que fazem parte do dia a dia de todos(as) nós, a da sexualidade é uma das mais importantes e urgentes apontadas pelos(as) educadores(as), ao lado da violência e do uso de drogas.

É a adolescência um momento de grande mobilização individual e social no que se refere à sexualidade. Por outro lado, o fato do educador ser adulto(a), ou trabalhar com adultos(as), não significa que esta questão esteja totalmente esgotada. Entre os(as) adultos(a) a questão da sexualidade também se destaca.

Depois da família, a escola é o espaço para se falar sobre sexualidade. E, se a escola é o espaço de construção do conhecimento, a sexualidade pode e deve ser abordada não só sob o ponto das Ciências Biológicas como também sob o ponto de vistas das Ciências Sociais (Sociologia, Antropologia, Economia e Política) e das Ciências Humanas (Psicologia).

Estas várias dimensões devem ser consideradas. É, então, fundamental que o tema seja legitimado pela comunidade escolar e que o(a) educador(a) esteja preparado(a).

É comum que as escolas trabalhem o aparelho reprodutivo em Ciências Naturais. Geralmente o fazem por meio de aulas expositivas sobre a reprodução humana, enfocando a anatomia e fisiologia do corpo humano. Só essa abordagem não atende às ansiedades e curiosidades das crianças, nem ao interesse e necessidade dos(as) adolescentes, assim como à falta de informação de muitos(as) adultos(as). Enfoca a sexualidade apenas como perspectiva biológica e não inclui dimensões éticas, culturais, espirituais e psicológicas.



Reflexos de um Mundo em Mudança

Amplas mudanças sociais tiveram início nos anos de 1960: o movimento hippie, os movimentos feministas e de homossexuais emergiram como poderosas forças políticas questionando valores de comportamento. Tais movimentos tomaram grande impulso nas décadas de 1970 e 1980. A pílula anticoncepcional, somada a esta dinâmica, separou definitivamente a sexualidade da procriação. As mulheres desafiaram a estrutura e os valores vigentes sob a bandeira "Nosso Corpo nos Pertence". As questões relacionadas à sexualidade e gênero, à homossexualidade, aos direitos sexuais, à demografia, aos direitos reprodutivos, ao crescimento das DST, à epidemia de AIDS, à grande incidência de gravidez na adolescência fizeram com que a sexualidade saísse do espaço estritamente privado ou do sensacionalismo e viesse para o centro dos debates e das pesquisas.



Os tempos mudaram, as intuições também. E neste "vendaval" a família nuclear - pais, mães e filhos(as) legítimos(as) - com toda a sua importância e valor, assistiu o advento de "novas" famílias, novos modelos de agrupamento, novos estilos de vida.

Nos anos de 1960 surgiram, com o movimento hippie, as experiências das famílias comunitárias. Jovens saíam da casa dos pais e iam habitar juntos.

Acordamos no ano 2000 presenciando um país como a Inglaterra, de muitos valores tradicionais, parar para discutir sobre a decisão de um casal de homens de criar gêmeos no seu país. Maior novidade ainda é que estas crianças são resultado de uma fecundação artificial, realizada na barriga (de aluguel) de uma mulher americana. Venceram na justiça, e vemos uma família composta de dois pais e dois filhos, vivendo na Inglaterra.

Em sua própria sala de aula deve haver alunos(as) cujos pais e mães de origem são separados, convivendo, na maioria das vezes, com a mãe, que pode ter se casado outra vez ou estar sem parceiro. Em menos exemplos encontramos homens criando filhos(as), ou crianças e/ou jovens convivendo com irmãos(ãs) só por parte de mãe ou por parte de pai.

Há mulheres que se separam dos maridos e passam a viver com outra mulher. Muitas vezes uma delas ou as duas possuem filho(as).

Da mesma forma, a família nuclear burguesa, privilegiava o casamento de brancos com brancas, enquanto cotidianamente acontecia o que se chama de miscigenação, isto é, o encontro sexual-afetivo entre etnias/raças diferentes.

Há avós criando seus(suas) netos(as), filhos(as) de suas filhas(os) adolescentes. É por isto que falamos no plural: sexualidades e famílias.

E a escola?

Por quais transformações passou? De que forma vem acompanhando questões que eclodem no cotidiano?

Como vem trabalhando questões ligadas à sexualidade?

Informações mais atualizadas e métodos de como trabalhar têm sido a demanda de educadores(as) em todo o país. Falta de tempo para formação, dificuldade na relação com setores mais tradicionais, resistência das famílias, a justificativa de que a televisão "já mostra tudo" têm sido apontadas como entraves.

E os pais e mães dos(as) alunos(as)? O que pensam quando a escola inicia um trabalho sobre sexualidade? O diálogo então torna-se necessário: sexualidade é assunto para todos(as).

É no espaço privado - familiar - que a criança recebe com maior intensidade as noções a partir das quais vão construindo e expressando a sua sexualidade.

A família - tenha ela valores conservadores, liberais ou progressistas; professe ou não alguma crença religiosa, e a forma como o faz - determina em grande parte a educação das crianças e dos jovens. É o primeiro e mais importante modelo de educação sexual das crianças.

A orientação sexual na escola faz parte do processo de formação e conhecimento.

Se olharmos para cada educador(a), para cada aluno(a), vamos constatar inicialmente a diferença física, dada pela singularidade de cada um(a), pela raça/etnia a que pertencem, pelo sexo, pela idade, por portar alguma deficiência.

Ampliando o olhar, vemos uma grande diversidade de valores, crenças, **opções sexuais**¹¹, visões de mundo, histórias de vidas. Ao respeitar as diferenças, a educação está contribuindo para a superação de tabus e preconceitos ainda arraigados no contexto sócio-cultural brasileiro, que precisa vencer o desafio do exercício da democracia e do pluralismo.

Atividade

Desenho das famílias e das suas crenças

Etapas:

- Cada aluno(a) deverá desenhar sua família e assinalar religiões e crenças que cada membro pratica, inclusive ele(a)
- Dividi-los em pequenos grupos para que exponham seus desenhos
- Elaboração de um painel coletivo com os resultados do que foi apresentado por cada um(a) com anotações dos pontos discutidos no grupo
- Um(a) relator(a) de cada grupo apresentará os painéis com os resultados.

Objetivos:

- Oportunidade do(a) educador(a) obter o "mapa" das famílias e de suas crenças para entender em que contexto cultural (religião também é manifestação cultural) estão inseridos(as) seus alunos(as)
- Levar os alunos(as) ao debate para entenderem a relação entre as famílias e as religiões e os comportamentos, inclusive os relacionados ao corpo e à sexualidade
- Mostrar aos(as) alunos(as) que as diferenças entre as pessoas também se dão a partir da constituição familiar e das religiões
- Trabalhar o respeito às diferentes famílias e às opções religiosas.

Para iniciar a conversa sobre sexualidade...

- O parto e o nascimento são uma celebração da vida
- Todas as crianças deveriam ser amadas e cuidadas
- Pessoas e sociedade se beneficiam quando as crianças são capazes de conversar sobre sexualidade com seus pais/mães educadores e/ou outras pessoas com segurança e sem preconceitos
- Toda a pessoa tem dignidade
- A sexualidade é parte da vida de todas as pessoas e se expressa em todas as fases da vida
- Mulheres e homens têm o mesmo direito à sexualidade, ao sexo e ao prazer
- A sexualidade inclui dimensões biológicas, éticas, espirituais, psicológicas e culturais
- As pessoas expressam sua sexualidade de várias formas, inclusive as portadoras de deficiências
- O exercício da sexualidade compreende aprender o respeito ao próprio corpo e ao corpo do(a) outro(a), aos próprios sentimentos e aos sentimentos do(a) outro(a)
- Todas as decisões sexuais têm efeitos ou consequências
- Todas as pessoas deveriam fazer escolhas sexuais responsáveis
- Explorar a própria sexualidade faz parte do bem estar das pessoas
- Numa sociedade pluralista, as pessoas deveriam respeitar a diversidade de valores e crenças nela existentes sobre a sexualidade
- Relacionamentos sexuais nunca deveriam ser coercitivos, exploradores ou explorados
- Todas as pessoas precisam ter acesso a informações e a serviços de saúde de qualidade, inclusive os relacionados à contracepção e à prevenção (DST/AIDS, por exemplo), à saúde mental enfim, à promoção da saúde integral

¹¹ **Opções sexuais:** **Heterossexualidade:** relações entre pessoas de sexos diferentes
Homossexualidade: relações entre pessoas do mesmo sexo
Bissexualidade: relações entre pessoas do mesmo sexo e de sexo diferente

4 QUAL A PALAVRA QUE NUNCA FOI DITA ? DIGA...

A experiência humana da sexualidade é resultado de um complexo conjunto de processos sociais, culturais e históricos, daí a impossibilidade de enquadrá-la em uma norma ou lei. Ela tem também a ver com emoções e sentimentos, considerados em cada cultura de forma diferenciada. Por exemplo, na nossa cultura o choro feminino é estimulado e aceito, enquanto nem se discute o outro lado, porque "homem não chora".

É importante a reflexão sobre quais as conseqüências de valores relacionados à sexualidade e ao corpo para a construção da identidade feminina, da identidade masculina, e, conseqüentemente, para a relação entre homens e mulheres. Tanto ao seguir a norma quanto ao desobedecê-la.

Cada educador(a) empenhado(a) na tarefa de trabalhar a orientação sexual deve refletir e tentar responder à seguinte pergunta: **Quais as marcas, tabus, preconceitos, dificuldades, (des)informações a respeito da sexualidade que ficaram da infância e/ou da adolescência e que, conseqüentemente, repercutiram na sua vida de adulto(a)? Verá que existem dúvidas até na idade adulta, mesmo tratando-se de educadores(as). Imagine as crianças e os(as) adolescentes! O segundo passo pode ser discutir com outro(s) educadores(as) estas mesmas questões.**

Precisamos ouvir os(as) alunos(as). Exercer a escuta é importante. O que se fala, como se fala e para quem se fala? De que lugar, de que cultura? Quais os valores da comunidade em que se está atuando? Tudo isto somado à convicção de que certos temas, (como a prevenção da AIDS e a redução da gravidez na adolescência), são emergentes e exigem responsabilidade e atenção dos(as) educadores(as).

Os valores dos(as) educadores(as) não podem misturar-se com as informações que, responsabilmente, devem passar. Aí reside o grande desafio.

Uma outra postura é o não julgamento de valores das famílias dos(as) alunos(as), assim como dos seus valores religiosos e opção sexual.

O que interessa é que o(a) educador(a) abra espaços para que a pluralidade de concepções, valores e crenças sobre sexualidade se expressem e que nada seja considerado como verdade absoluta. A postura de **compreensão, solidariedade, troca** deve substituir a postura do julgamento moral, do silêncio, da repressão e da punição.



PAULA E BEBETO

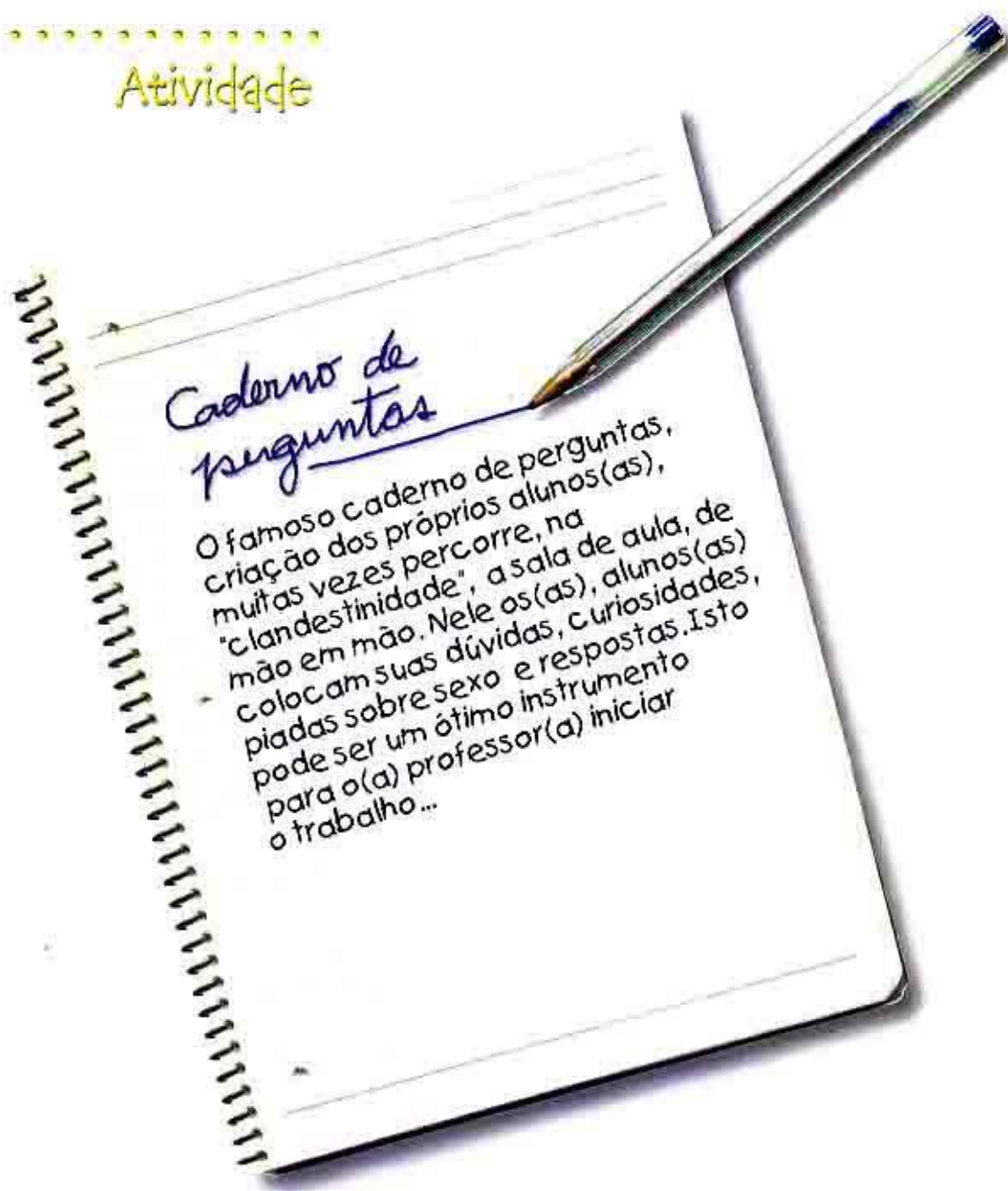
(Castano Veloso e Milton Nascimento)

É vida, vida
que amor brincadeira
à vera
eles amavam de qualquer maneira
à vera
qualquer maneira de amor
vale a pena
qualquer maneira de amor
vale amar
pena que pena que coisa bonita,
diga
qual a palavra que nunca foi dita
diga
qualquer maneira de amor
vale aquela
qualquer maneira de amor
vale amar
qualquer maneira de amor
vale a pena
qualquer maneira de amor
valerá
eles partiram por outros assuntos
muitos
mas no meu canto
estarão sempre juntos
muito
qualquer maneira que eu cante
este canto
qualquer maneira me vale cantar
eles se amam de qualque maneira
à vera
eles se amam é prá vida inteira
à vera
qualquer maneira de amor
vale o canto
qualquer maneira me vale cantar
qualquer maneira de amor
vale aquela
qualquer maneira de amor
valerá
pena que pena
que coisa bonita,
diga
qual a palavra que nunca foi dita.

diga.



Atividade



Caderno de perguntas

O famoso caderno de perguntas, criação dos próprios alunos(as), muitas vezes percorre, na "clandestinidade", a sala de aula, de mão em mão. Nele os(as) alunos(as) colocam suas dúvidas, curiosidades, piadas sobre sexo e respostas. Isto pode ser um ótimo instrumento para o(a) professor(a) iniciar o trabalho...

Desenvolvimento:

Oferecer um caderno para os(as) alunos(as) colocarem as suas perguntas sobre sexualidade e, numa segunda rodada, sugerir que respondam (pode garantir o sigilo para que se sintam mais à vontade neste primeiro momento).

Objetivos:

- Traçar um diagnóstico sobre o que sabem, o que não sabem e o que querem saber
- Obter subsídios para traçar um planejamento
- Buscar informações e atualizar-se para responder às questões.

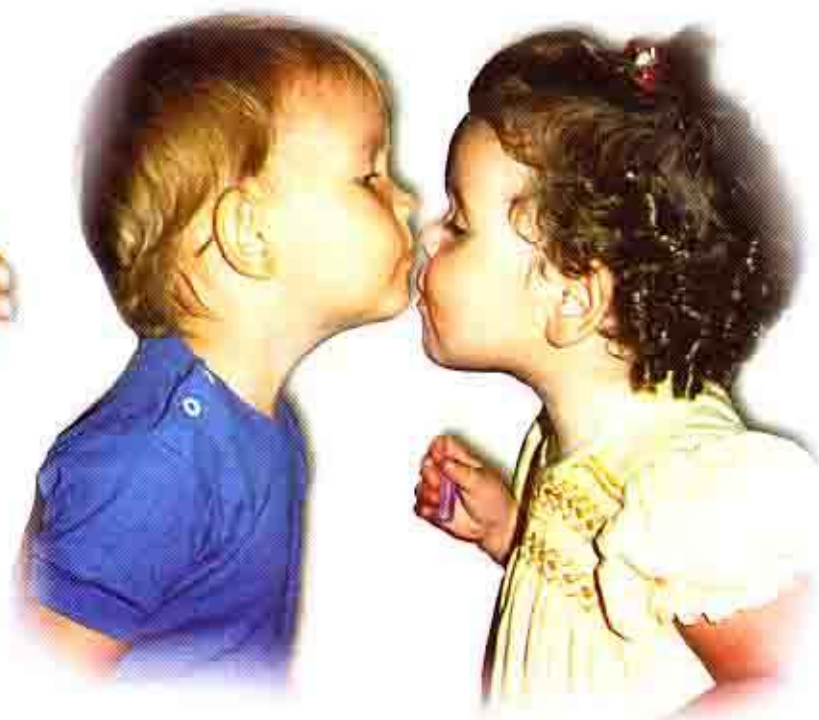
5 SEXUALIDADE(S) = SEXO CICLOS DA VIDA

É comum que se confunda sexualidade com sexo, assim como é comum entender-se sexo como ato sexual.

A sexualidade é uma expressão do ser humano, inerente à vida e à saúde, desde o seu nascimento até a morte. Relaciona-se ao prazer. Em cada sociedade expressa-se de maneira diferente de acordo com valores, códigos, enfim, com a cultura **e por isso usamos termo no plural.**

Sexo tem a ver com a biologia. Sexo feminino e sexo masculino. Refere-se às características físico-anatômicas-genitais de mulheres e homens.

A busca do prazer e a curiosidade sobre sexualidade fazem parte do processo de desenvolvimento de crianças, jovens e adultos(as). O preconceito, por exemplo, leva-nos a pensar que a sexualidade não é exercida na idade madura e/ou na velhice. Isto porque é necessário que se entenda um pouco mais sobre o que se está falando, sobre como a sexualidade se expressa em qualquer fase da vida, e de que forma se pode repassar este assunto para os(as) alunos(as), sejam crianças, jovens ou adultos(as).



**Crianças:
lúdicas e
sensuais**

O ser humano sente prazer desde o nascimento. O bebê encontra prazer no contato com a mãe e na sucção do peito materno. É a denominada fase oral. Mais duas fases caracterizam a infância: a fase anal, quando sente prazer e desprazer no ato de reter ou não a evacuação e a fase fálica, onde se dá conta da diferenciação sexual em termos de quem tem e quem não tem o órgão sexual protuberante.

A criança também expressa a sexualidade através dos afagos, dos carinhos. Para ela é fundamental que se exercite a linguagem lúdica, a brincadeira para expressar seus desejos, suas necessidades e sua percepção do mundo. Por quê? por quê? por quê? Questionam, repetindo o que fazem os(as) adultos(as), ensaiam respostas. Com vivacidade se interessam por tudo que está em torno, assim como pelo que "visivelmente" não está. Choram quando sentem dor ou lhe causam algum mal estar.

Adolescência = Turbulência

Na passagem da infância para a adolescência - a OMS/Organização Mundial de Saúde delimita essa fase entre os 10 e 19 anos de idade - inicia-se o processo chamado puberdade: o período percorre as grandes modificações físicas, emocionais e sociais da adolescência.

Mudanças Físicas:

Nas meninas é a menstruação; o aparecimento de pelos (pubis, axilas); mais gordura nos quadris e mais suor nas axilas e nos pés, espinhas (acnes) crescimento dos seios, surgimento de lubrificação vaginal.

Nos meninos é a ejaculação; o aparecimento dos pelos (axilas, genitais, bigode, barba); o crescimento dos órgãos genitais; o engrossamento da voz; o aumento do suor nas axilas e nos pés; as espinhas (acnes) e a poluição noturna: gozo involuntário do homem. Durante o sono ele pode ter ereção (alongamento e endurecimento do pênis), ejacular e também gozar. Frequente na adolescência, é comum em qualquer época da vida.

Mudanças emocionais e sociais

A adolescência está estigmatizada como a fase da "crise". É um estágio perpassado por conflitos, dúvidas, inquietação, mal-estar. Esta crise tem suas razões: é consequência de inúmeras transformações, de um crescimento marcado por desorganizações físicas, hormonais, psíquicas, emocionais e, conseqüentemente, por reorganizações. Mesmo porque muitas vezes é preciso desarrumar para poder rearrumar. Ou: "atire a primeira pedra" se você acredita que só adolescente entra em crise... É um momento de mutação, de oportunidades, de entender que o crescimento faz parte, de começar a pensar em que carreira gostaria de seguir, de se apaixonar e também de perigos: drogas, violência, sexo sem prevenção.

É com os(as) filhos(as) adolescentes que muitas vezes se instaura na família a "guerra entre gerações". Jovens acham que os(as) adultos(as) são contra eles(as) e, os(as) adultos(as), por sua vez, acham que os (as) jovens são contra eles (as).

O que está acontecendo, então? A formação da identidade. Ela não é nada tranqüila. É uma batalha que se está travando dentro daquele(a) ser que ainda tem, muitas vezes, "jeito" de criança e já não é mais criança, "jeito" de adulto e ainda não é adulto. São valores internos e externos se chocando: Quem sou? O que quero? Para onde vou? Como corresponder, ao que esperam de mim? Porque tenho que corresponder? Quem me apoiará? tenho que seguir carreira? Qual? Quem me ensina a encarar este mundo competitivo?



Vivendo e aprendendo: maturidade

É uma fase em que os conflitos da adolescência estão superados. Tanto o corpo do homem quanto o da mulher já estão prontos. Algumas certezas já foram conquistadas. Muitas curiosidades satisfeitas. É a fase que pressupõe amadurecimento e responsabilidade. Mas também nesta fase, se pouco informados(as), homens e mulheres estão vulneráveis a uma gravidez não desejada, a um aborto (provocado ou espontâneo), a problemas com a contracepção, às DST/AIDS, a uma relação sem afeto, a agressões e violências.



Velhice: quem viver verá...

Quem pensa que a sexualidade pára por aqui está enganado(a). Nesta fase da vida, quem teve filhos(as) já os(as) tem criados(as), muitos(as) já estão encaminhados(as). Não existe mais a apreensão em relação à gravidez. É mais uma chance de "curtir" a vida, de exercer a sexualidade, viver o prazer.

No Brasil não tem sido fácil envelhecer: a maioria dos(as) idosos(as) vivem uma vida economicamente precária, a aposentadoria é simbólica e a sociedade não os(as) reconhece nem os(as) valoriza. Mas como a cultura é dinâmica presenciamos um aumento de consciência deste segmento: formam grupos, seja para os trabalhos comunitários, seja para passeios, para o estudo, para o lazer, para o esporte. Assumem sua sexualidade e proporcionam momentos de encontros. Esta é uma reposta de muitos(as) que já não aceitam o estigma de que a prática sexual é coisa do passado. E não é mesmo. É do dia-a-dia em todos os dias da vida.



Atividade

Brinque de ser sério leve a sério a brincadeira

Etapas:

Se forem crianças:

- Propor uma brincadeira para descontrair, integrar. Espalhar brinquedos de todos os tipos e sugerir que cada criança escolha o que mais gostar
- Solicitar que apresentem o brinquedo escolhido respondendo porque escolheram, com quem gostam de brincar, que tipo de brincadeira...

Se forem adolescentes:

- Solicitar que desenhem ou façam na argila o brinquedo de que mais gostavam quando crianças. Proceda às etapas de forma igual à atividade com as crianças. Inclua: o que foi feito deste brinquedo?

Se forem adultos(as)

- Procedimento idêntico ao dos(as) adolescentes. Inclua: hoje, com os filhos?

Objetivos:

- Trabalhar a construção das identidades feminina e masculina e, conseqüentemente, as relações de gênero, isto é, através dos brinquedos e brincadeiras discutir como se dão as relações entre homens e mulheres
- Entender os valores atribuídos a homens e mulheres, desde comportamentos até papéis.
- Levar os alunos a discutir porque não brincam de bonecas, que é, inclusive, uma oportunidade de se estar trabalhando conhecimento do corpo tanto masculino quanto feminino, atitudes de carinho, afeto, cuidado.
- Trabalhar o risco da cristalização de estereótipos.

6

A SUSTENTÁVEL LEVEZA DO SER EXISTIRMOS, A QUE SERÁ QUE SE DESTINA?

Texto de Cajuna Caetano Veloso

É muito importante discutir com os(as) alunos(as) algumas questões que têm a ver com posturas, com relacionamentos e que também podem ser incentivadas no trabalho de Orientação Sexual, ajudando a construir um espaço mais sensível para o trabalho. Por exemplo, a importância de valores e conceitos como a amizade, o amor, a solidariedade, a responsabilidade.



AMOR:

Musa inspiradora de trovadores, poetas/poetisas, romancistas, cineastas, compositores(as) de todos os ritmos.

O amor é um sentimento que implica escolha, afeto, desejo. Não significa prisão, opressão e sim liberdade e confiança. Pode manifestar-se de diversas maneiras, uma delas é o cuidado para consigo e para com o (a) outro(a). Quem ama não maltrata.

Quem ama não mata.

Amor romântico, amor apaixonado, amor, amor...

AMIZADE:

A amizade "verdadeira" requer tempo, esforço e investimento para ser mantida. É algo profundo. E, como dizem alguns(mas), é uma forma de amor. Isto vale para homens e mulheres, em qualquer fase da vida.

RESPONSABILIDADE:

Ser responsável é responder pelos próprios atos, é corresponder. Ser responsável é respeitar a si e ao(a) outro(a). A relação afetiva/sexual ou mesmo só a relação sexual, tem que estar inserida neste contexto. Transar, em tempos de AIDS, por exemplo, sem camisinha é irresponsabilidade, para consigo mesmo(a) e para com os(as) outros(as). Uma educação seja familiar, seja escolar deve incluir informação sobre sexo seguro e sexualidade.

SENSIBILIDADE:

A cultura determinou que sensibilidade é uma qualidade do feminino, enquanto a agressividade é uma qualidade do masculino. Um equívoco. Homens e mulheres são seres igualmente sensíveis, assim como a agressividade também pode ser exercida por mulheres. O fundamental é dar espaço para a sensibilidade e cuidar para que a agressividade não se transforme em violência. A arte é fundamental para o exercício da sensibilidade, assim como o esporte, a expressão corporal, a dança são fundamentais para a catarse e o extravasamento de energia.

SOLIDARIEDADE:

Ser solidário é estar atento(a) para com o(a) outro, é estar disposto(a) a ajudar, seja com palavras, afeto respeito ou cuidado.

NÃO DISCRIMINAÇÃO

A discriminação se dá de várias formas: através do racismo (discriminação de etnias/raça), do sexismo (discriminação em relação ao sexo), do xenofobismo (discriminação de estrangeiros(as)). São posturas arcaicas, que impedem o exercício da troca. A opção sexual de cada um(a), hetero, homossexual ou bissexual, não pode ser motivo para discriminação. Outro preconceito já cristalizado é aquele que não admite o relacionamentos entre pessoas de idades muito distintas. A sociedade costuma aceitar uma relação entre um homem mais velho e uma jovem, mas rechaça a relação entre uma mulher mais velha com um homem mais jovem.

ÉTICA

A ética é a reflexão filosófica sobre a **moral**. Reflete sobre os princípios (em que se fundamentam?), as regras (qual a sua finalidade?), as ordens (a quem interessa atender? quem dá as ordens? de que forma?), e as proibições (que resultados pretende?)

Ela tem a ver com relações de respeito, cuidadosas, solidárias, onde cada um (a) pode exercer a sua escolha (auto-determinação), desde que esta escolha seja responsável. Relacionamentos não significam imposição, dominação, opressão.

Ética tem a ver com liberdade, com respeito às diferenças, com direitos e deveres, com trocas e parcerias saudáveis. Seja no relacionamento familiar, escolar, profissional, político, sexual.

Discuta esta fábula (sobre a amizade) com seus alunos.



Depois da discussão sugira que elaborem outras sobre os demais "ingredientes" (amor, solidariedade e outros que você achar importantes e que tenha a ver com posturas e relacionamentos)

O urso e os viajantes

Dois viajantes encontraram um urso na estrada. O primeiro subiu numa árvore e se escondeu. O outro, apavorado, resolveu se jogar no chão e se fingir de morto. O animal chegou perto, cheirou as orelhas dele e foi embora. (Dizem que um urso não mexe com quem está morto). O que estava na árvore desceu e perguntou ao companheiro o que é que o urso tinha cochichado.

- Ele me disse para não viajar mais com quem abandona os amigos na hora do perigo.

Moral:
conjunto de princípios, crenças, regras, que orientam o comportamento dos indivíduos nas diversas sociedades.

Atividade Se essa onda pega...

Etapas:

- Dividir a turma em grupos e sugerir que elaborem um texto para teatro em que estes valores, posturas e sentimentos estejam inseridos. Chamar atenção para a construção dos personagens
- Apresentar o teatro

Objetivos:

- Discutir valores, sentimentos, estereótipos
- Discutir papéis (femininos/masculinos) e relações que possam surgir nos textos
- Analisar e discutir o que surge sobre relacionamentos e comportamentos

7

SEXUALIDADE(S)

UM TEMA TRANSVERSAL E INTERDISCIPLINAR

Os temas transversais, assim são denominados porque atravessam os diversos campos do conhecimento. Um destes temas - orientação sexual - abre a possibilidade de, finalmente, a sexualidade ser incluída no currículo dentro de uma perspectiva mais abrangente. A sexualidade não pode estar reduzida às ciências biológicas. Os(as) professores(as) de Português, de História, de Ciências Naturais, de Matemática, de

Geografia, de Artes e Esportes, podem estar veiculando idéias e informações sobre este tema, que não deve ser trabalhado como área ou disciplina, mas sim de forma contínua, sistemática, abrangente e interligada.

Para se entender a sexualidade na sua amplitude e a sua relação com uma vida saudável, é preciso ter alguns conhecimentos sobre o corpo humano (matéria da área das ciências naturais). É preciso ter conhecimentos de História, porque a cada momento histórico, em diferentes sociedades, a sexualidade também viveu e vive a sua história. É importante entender como a sexualidade se configurou e se configura no Brasil, a partir da pluralidade cultural que engloba, originalmente, as culturas brancas, indígenas e negras; como ela vem se expressando a partir de movimentos sociais, do questionamento de valores, dos novos comportamentos. Em Língua Portuguesa e Literatura, podemos pesquisar e trabalhar com textos de gêneros literários variados (poesia, prosa, letras de música, dramaturgia, etc...) que tenham como "musa" as relações afetivas-sexuais. Na Matemática, pode-se discutir e informar sobre a sexualidade usando números, quadros estatísticos, gráficos que mostrem, por exemplo, índices de DST/AIDS na comunidade, cidade. Dados estes que a Geografia pode analisar em profundidade e amplitude.

A Educação Física pode trabalhar também a consciência e sensibilização do corpo.

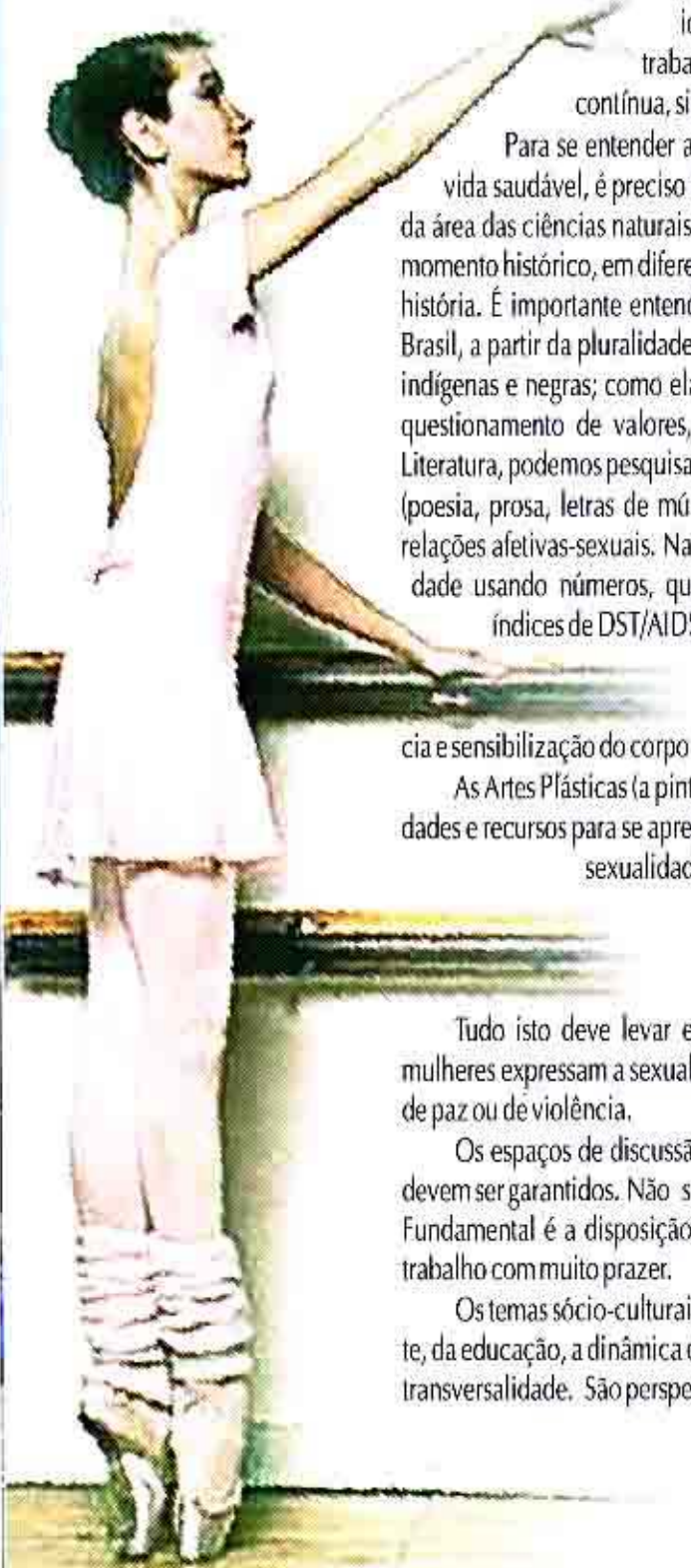
As Artes Plásticas (a pintura, a escultura, por exemplo) oferecem grandes possibilidades e recursos para se aprender e descobrir com sensibilidade as teias que enredam a sexualidade.

O cinema e o vídeo, que juntam som, imagem, tramas e texto são um recurso inquestionável, assim como o teatro e a dança.

Tudo isto deve levar em conta a questão de gênero, isto é, como homens e mulheres expressam a sexualidade, e como se dá a relação entre eles(as), que pode ser de paz ou de violência.

Os espaços de discussão para trocas de experiências entre os(as) educadores(as) devem ser garantidos. Não se pode olhar este tema como uma pesada obrigação. Fundamental é a disposição, auto-confiança, muita ousadia e criatividade para um trabalho com muito prazer.

Os temas sócio-culturais, que fazem parte do nosso dia a dia, exigiram inicialmente, da educação, a dinâmica da interdisciplinaridade. Agora, pressupõem a dinâmica da transversalidade. São perspectivas metodológicas complementares e não excludentes.



Interdisciplinaridade: Método de ensino capaz de fazer com que duas ou mais disciplinas interajam entre si. Esta interação pode ir da simples comunicação das idéias até a integração mútua dos conceitos, da terminologia, da metodologia, dos procedimentos. Implica um questionamento da organização curricular que segmenta os campos do conhecimento e, assim, a própria realidade e da própria visão racional do mundo sobre a qual a escola se estruturou.

Transversalidade: Possibilidade de se estabelecer, na prática educativa, uma relação entre aprender conhecimentos teoricamente sistematizados (aprender sobre a realidade) e pensar, refletir, informar-se sobre as questões da vida real e sobre a sua transformação (aprender na realidade e da realidade). Através da transversalidade pode-se sistematizar o trabalho (no caso, sobre orientação sexual) e incluí-lo explícita e estruturalmente na organização curricular, garantindo sua continuidade e aprofundamento ao longo da escolaridade. Sugere a integração entre os(as) educadores(as).

**"Tanto posso saber o que ainda não sei
como posso saber melhor o que já sei."**

Paulo Freire

O objetivo de um trabalho de orientação sexual é favorecer o bem-estar sexual dos indivíduos e condições para que o(a) aluno(a) possa:

No desenvolvimento humano

- gostar do seu próprio corpo
- desenvolver a auto-estima
- buscar maiores informações sobre sexualidade e sobre reprodução quando necessitar
- encarar a sexualidade sem culpa
- compreender que a sexualidade faz parte do desenvolvimento humano sem, necessariamente, implicar reprodução, mas sim, prazer
- relacionar-se com respeito e responsabilidade
- reconhecer e respeitar as diferentes formas de atração e opção sexual
- exercer os direitos de cidadania nas diferentes manifestações da sexualidade

Nos relacionamentos

- identificar e expressar seus sentimentos
- usufruir de intimidade e prazer
- defender-se de vínculos nos quais se sinta manipulado ou explorado
- escolher, dentre suas possibilidades, modos de vida e de convivência
- desenvolver relacionamentos de qualidade e significativos

Na comunicação

- identificar os valores sócio-culturais e posicionar-se de forma pessoal em relação a eles;
- cada pessoa tem direito a emitir opiniões sem desrespeitar o valor do(a) outro(a)
- aprender a pensar por si mesmo em situações problema, avaliando alternativas e conseqüências, buscando informações e ajuda quando necessário
- responsabilizar-se por suas decisões
- considerar a comunicação como uma forma de expressão nos relacionamentos;
- ser receptivo às mensagens do(a) outro(a), ampliando sua própria visão de mundo



- Não comportamento sexual**
- usufruir e expressar a própria sexualidade ao longo da vida. Viver a sexualidade de forma coerente com os próprios valores
 - *usufruir de fantasias sexuais como fonte de prazer, sem ter que necessariamente realizá-las*
 - buscar informações que contribuam para o esclarecimento e o desenvolvimento da própria sexualidade
 - discriminar entre comportamentos sexuais enriquecedores e prejudiciais a si e aos(as) outros(as)
 - ser capaz de tomar decisões e ser responsável por elas ao se envolver em relacionamentos sexuais
 - ser capaz de conversar ou buscar ajuda entre os(as) amigos(as), familiares, na escola, com uma pessoa de sua confiança ou com um profissional especializado nas dúvidas ou dificuldades com a sexualidade

- Na saúde sexual**
- aprender a conhecer o próprio corpo, gostar dele e cuidá-lo
 - valorizar a saúde do corpo como condição necessária para usufruir do prazer sexual
 - escolher um método anticoncepcional que considere as características pessoais, para poder usá-lo de forma eficaz e não lesiva à saúde
 - prevenir-se de abusos sexuais
 - denunciar estupro, assédio e violências sexuais, inclusive a doméstica
 - agir de modo consistente com os próprios valores ao lidar com uma gravidez, mesmo que tenha sido uma "surpresa"
 - as mulheres devem fazer anualmente a consulta ginecológica com o exame preventivo do câncer do colo de útero e o auto exame dos seios 5 dias após o primeiro dia da menstruação
 - os homens devem fazer os exames dos testículos e próstata
 - fazer o pré-natal e buscar acompanhamento médico integral durante a gravidez
 - evitar contrair ou transmitir doença sexualmente transmissível, inclusive o vírus da AIDS, fazendo sexo seguro (sem penetração ou com camisinha)

- Na sociedade e cultura**
- vencer tabus e preconceitos relacionados à sexualidade
 - respeitar pessoas com valores e, opções sexuais e estilos de vida diferentes dos seus
 - exercer a cidadania desenvolvendo um posicionamento claro nas questões sexuais
 - avaliar o impacto das comunicações familiares e culturais, da mídia e da sociedade nos próprios pensamentos, sentimentos, valores e comportamentos relacionados à sexualidade
 - defender o direito de todas as pessoas obterem informações precisas a respeito da sexualidade
 - evitar comportamentos discriminatórios e intolerantes
 - rejeitar estereótipos a respeito da sexualidade
 - respeitar pessoas portadoras de deficiências que têm igualmente direito de exercer sua sexualidade
 - discutir sobre o aborto, entendê-lo como realidade, direito e questão de saúde pública, não o reduzindo às visões de crime e/ou pecado

(*)Adaptado do Guia de Orientação Sexual - Diretrizes e Metodologia da Pré-Escola ao Segundo Grau - GPTOS/ABIA/ECOS SP/1991

Nos Parâmetros Curriculares

Sexualidade:

- parte integral da personalidade de cada um
- necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado dos outros aspectos da vida
- não é sinônimo de coito e não se limita à presença ou não do orgasmo
- é a energia que motiva encontrar o amor, contato e intimidade e se expressa na forma de sentir, na forma de as pessoas se tocarem e tocar o(a) outro(a)
- influencia pensamentos, sentimentos, ações e interações, relaciona-se ao prazer, à saúde física e mental
- encontra-se marcada pela história, cultura, ciência, afetos, sentimentos, expressando-se com singularidade em cada sujeito

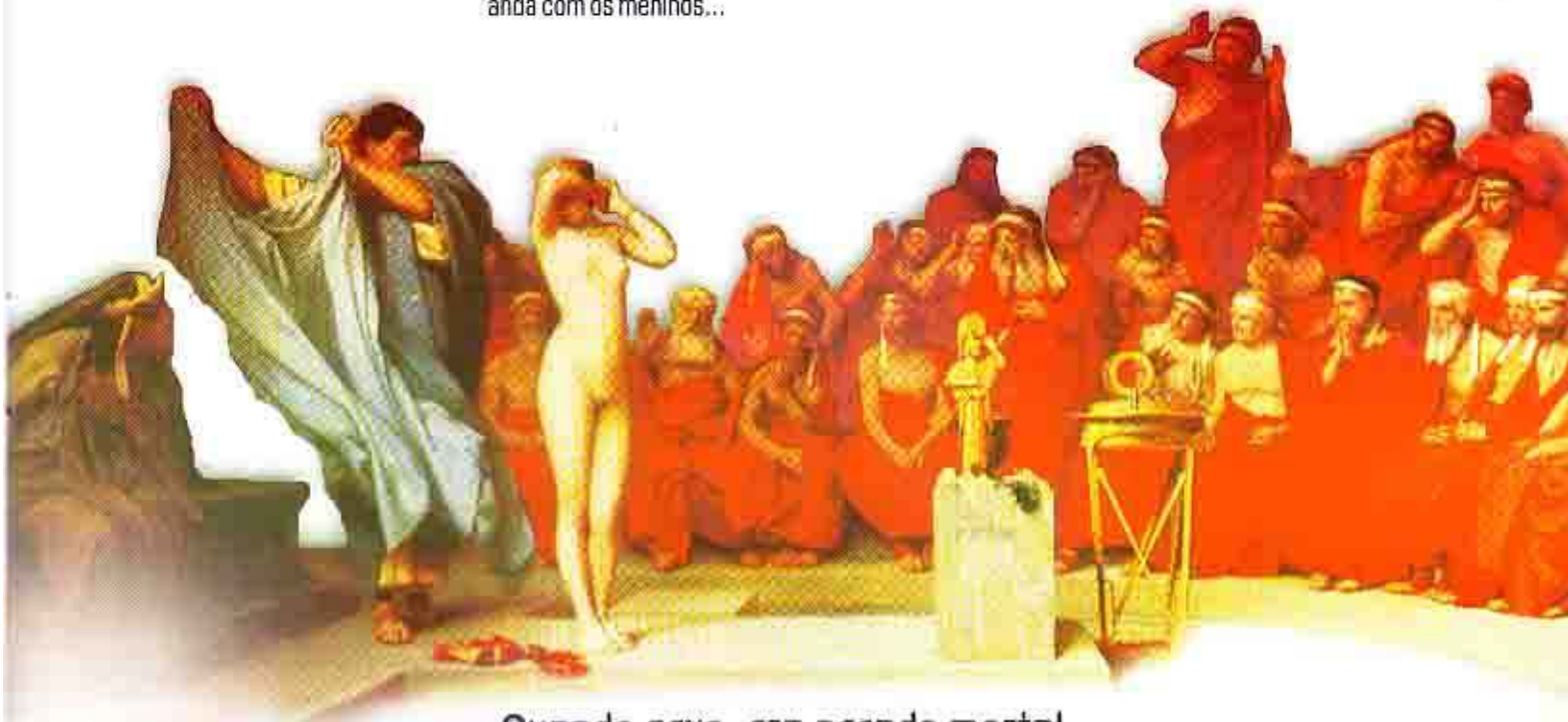
Sexo:

- expressão biológica que define um conjunto de características anatômicas e funcionais (genitais e extragenitais)

8 NOSSAS HERANÇAS

A HISTÓRIA DA SEXUALIDADE NO MUNDO OCIDENTAL

De onde veio tanta dificuldade para falarmos sobre tão polêmico e tão palpitante assunto? Quantas vezes o(a) mestre(a) enrubesce ou "morre de vergonha" ao presenciar um(a) aluno(a) se masturbando em sala de aula, uma aluna adolescente grávida, um casal de jovens se beijando no pátio da escola? Ou um menino "que vive no meio das meninas"? Sem falar da menina que só anda com os meninos...



Pintura de Gerôme

Quando sexo era pecado mortal

Dentre as diversas visões sobre a sexualidade, muitas pouco discutidas, a visão que se forma na Idade Média é a mais influente em todo o mundo ocidental.

Durante este período os padres da igreja católica, pressionados, amenizaram a exigência de **abstinência absoluta**, pregando o casamento como única possibilidade para o exercício da sexualidade (que ainda nem tinha este nome), desde que para fins da reprodução, ficando a castidade ou o casamento como únicas opções adequadas a uma vida cristã.

Santo Agostinho (entre fins do século IV e início do V) associou definitivamente, no imaginário cristão, sexo e pecado original. O ato de rebelião contra Deus cometido por Adão e Eva fez o ser humano travar a rebelião da carne contra o espírito, ficando condenado à luxúria, à libido (grave pecado), conceito criado no século XII. **Luxúria** significava não só exercitar o ato sexual como as intenções de realizá-lo.

Libido designava o apetite carnal que, segundo Santo Agostinho, tomava conta de todo o corpo, por dentro e por fora, misturando o desejo da carne com o estado de ânimo, provocando o maior dos "deleites" físicos que o ser humano podia experimentar.

Daí, um passo para o surgimento da **culpa**. E a culpa deveria levar à **confissão** e à **penitência** (criadas entre os séculos XI e XIII). Os confessores deviam sempre avivar na memória dos(as) confidentes os dez mandamentos e os sete pecados capitais. O sexto mandamento, adotado no século XIII - não pecar contra a **castidade** -, considerava ilegítimo qualquer ato sexual praticado entre casados se o objetivo não fosse a reprodução. Mais grave ainda seria a prática fora do casamento. Mesmo em relação ao casamento existia o temor das pessoas provarem o "gozo" e viciarem, e, por isso, se incentivou a **virgindade**.

Quando o sexo era considerado doença

Para corroborar esta noção de pecado, a medicina entrou em cena (fins do século XVIII), considerando o desejo uma enfermidade, problema de nervos, que torna o corpo rebelde, necessitando de remédios.

Do amor-enfermidade, diziam nascer a nostalgia, a saudade, a loucura amorosa, a satíriase (ereção intermitente) nos homens e a ninfomania ou "furor uterino" nas mulheres. Quanto maior a presença dos impulsos sexuais, mais grave era considerada a doença do amor.

O discurso médico reconheceu a necessidade do prazer, inclusive (!) do prazer feminino, mas concordou com sua realização apenas para a procriação, iniciando no século XVIII a grande perseguição médica à masturbação.

O termo sexualidade só apareceu na biologia em 1838 e os dicionários só fazem referência ao aspecto psicológico do termo em 1924. A medicina só conseguiu desvincular-se do moralismo cristão no século XX, quando Freud apresentou sua tese sobre as pulsões sexuais.

Em 1905, Freud escreveu "Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade". Uma das suas principais descobertas foi a separação entre **instinto e sexualidade**, através da noção de pulsão sexual, sendo que esta não tem nem fonte nem objeto, nem objetivo definido. A sexualidade já era bastante reprimida e esta repressão sexual fixou-se tão fortemente nos corpos e mentes que até hoje se manifesta em maior ou menor grau, conforme a cultura, as visões de mundo, os estilos de vida.



Atividade

A vida imita a arte ou a arte imita a vida?

Etapas:

• Ampliar a ilustração de Paul Delvaux

• Sugerir que os(as) alunos(as) discutam em grupo sobre suas impressões diante da pintura

• Propor que criem textos, poesias, letras de música que falem sobre as suas impressões tentando fazer a comparação entre ontem e hoje

Objetivos:

• Trabalhar a sensibilidade e a percepção
• Mostrar que o corpo e a sexualidade são inspiração para as artes em todos os tempos.

Observação:

• O(a) educador (a) deverá fazer uma pesquisa que tenha o sexo, o corpo como inspiração
• Trabalhar o tema relacionando-o a estilos de época, gêneros literários e artes plásticas.

(*) Instinto:

comportamento fixo e pré-formado, característico de uma espécie.

(*) Sexualidade:

caracteriza-se por grande plasticidade, invenção e relação com a história pessoal de cada um de nós e com os valores culturais de cada sociedade. Ela é polimorfa, polivalente, ultrapassa a necessidade fisiológica e tem a ver com a simbolização do desejo.

9 NÃO EXISTE PECADO DO LADO DE BAIXO DO EQUADOR

...A HISTÓRIA DA SEXUALIDADE NO BRASIL

Os mitos construídos sobre a origem da sexualidade brasileira contam, “para o bem ou para o mal”, sobre a formação de um povo extremamente sensual numa terra exótica.

A primeira carta escrita por Pero Vaz de Caminha, em 1500, descreve o Brasil como o paraíso terrestre, o “éden tropical”. Para ele, seus(uas) habitantes, “mesmo selvagens”, mesclam desejo e fascinação. “Enfeitiçado” pelos habitantes, sua nudez lhe chamou a atenção “além da inocência e beleza”.

Os jesuítas catalogaram os “pecados” e “transgressões” dos índios(as) e, como resultado, o Novo Mundo aparece nos relatórios europeus com uma visão centrada na vida sexual e no erotismo, ora como um paraíso tropical, ora como um inferno verde.

Com a chegada dos(as) escravos(as), somados(as) aos(as) índios(as) e aos(as) portugueses(as), e com a conseqüente mistura racial a questão da sexualidade tornou-se muito importante para a interpretação que os(as) brasileiros(as) fazem de si mesmos(as), das relações sociais e de sua história.

O regime de escravidão foi claramente ligado a uma ética sexual particular imposta por relações de dominação e opressão.

A visão que se tinha das mulheres africanas, uma visão predominantemente branca e preconceituosa, sustentava o argumento de que, do mesmo modo que a mão de obra do negro substituiu o trabalho indígena, considerado inferior ao africano, a mulher negra, considerada mais submissa, tomou o lugar da índia no leito do colono.

Ao longo dos séculos poucas mudanças ocorreram nas relações sociais brasileiras, incluindo-se as raciais e sexuais. Só na década de 1980 (século XX) algumas transformações mais expressivas ocorreram lideradas, principalmente, pelo movimento de mulheres. Ao questionar a estrutura onde se estabeleceram as relações entre homens e mulheres (relações de gênero). Este movimento falou da importância da política do cotidiano e deu visibilidade à violência contra a mulher, ressaltando a violência doméstica, a educação diferenciada e a precariedade das políticas públicas de assistência à saúde da mulher; chamou a atenção para os direitos sexuais e reprodutivos e exaltou a riqueza da convivência saudável entre as diferenças.



(*) Mitos: histórias, crenças, personagens, existentes em toda cultura. São tentativas dos seres humanos na busca da verdade, do sentido da existência. São também pistas para as potencialidades espirituais da vida humana.

Famílias brasileiras. relações de gênero e sexualidade

Mesmo sabendo-se da existência de famílias matriarcais, aquelas em que o poder está nas mãos das mulheres, o modelo de família patriarcal, cujo poder está nas mãos dos homens, é o modelo no qual se sedimentou a família brasileira.

As sociedades tribais e, provavelmente, as inúmeras tribos indígenas brasileiras possuíam um rico e curioso sistema de parentesco. Dominadas e catequizadas, tiveram os seus modelos de família também influenciados pelo modelo da península ibérica ou hispânico-portuguesa.

O mesmo aconteceu com as famílias africanas. A escravidão esfacelou a sua organização separando seus integrantes entre as diversas regiões do Brasil.

O modelo predominante de família foi o patriarcal: núcleo formado pelo patriarca e sua mulher, assim como pelos filhos legítimos, todos morando sob o mesmo teto da casa-grande da fazenda. Na periferia desse núcleo, existia um grupo de indivíduos muito maior, embora mal delineado, constituído como grupo principalmente através de seus vários vínculos com o próprio patriarca: suas concubinas e amantes, seus(as) filhos(as) ilegítimos(as), escravos(as) e rendeiros(as), amigos(as) e clientes.

Trata-se de uma estrutura social absolutamente hierárquica, com o poder centralizado pelo pai. Esta estrutura foi baseada, principalmente, no exercício da força. O patriarca tinha direito de apelar para a violência. A mulher, ao contrário, colocada em um lugar de inferioridade, ficou sujeita à absoluta dominação do homem.

Saber sobre o patriarcalismo é fundamental para entender a violência muito exercida na realidade e na atualidade, para compreender as relações entre homens e mulheres no Brasil.

Este padrão duplo de moralidade deu ao homem todas as liberdades de gozo físico do amor e limitou a mulher (sua esposa, invariavelmente branca) a ir para a cama com o marido, toda a "santa noite" que ele (não ela) estivesse disposto a procriar. Para a mulher a única chance de prazer estava condicionada à obrigação de gerar, parir, ter filho, "criar menino".

As concubinas - geralmente as mulheres negras - eram também propriedade do senhor e deviam sempre esperar pelo seu chamado e se submeter a seus desejos (independentemente da procriação). Aí já se estabelece a desigualdade de tratamento para com as mulheres brancas e a mulheres negras.

Foi neste contexto que se construíram as identidades sexuais e se instituíram as relações de gênero.



10 PLURALIDADE CULTURAL E SEXUALIDADE(S)



Costumamos entender cultura como ir ao cinema, ler livros, estudar no exterior. Cultura é algo mais amplo: é um complexo sistema que engloba códigos, valores, linguagens pertencentes a cada sociedade (elas são muitas), grupo ou segmento social. O importante é compreendermos que a cultura não é uma "camisa de força" e sim algo dinâmico com inúmeras possibilidades de transformação.

Se assim não fosse, várias sociedades como, por exemplo, da arábia saudita, jamais deixariam de extirpar o clítoris das mulheres. Se alguns(as) ainda justificam ser este ato cultural, outras(os), principalmente as mulheres, consideram uma agressão à sua integridade física, moral, sexual e se movimentam contra isto.



Toda cultura se preocupa com as manifestações do corpo e com as expressões da sexualidade, reprimindo-as ou estimulando-as. Algumas sociedades impõem a mais estrita monogamia (manter relações conjugais/sexuais com uma só pessoa) para ambos os sexos ou para um deles, enquanto outras admitem que um homem se una sexualmente a várias mulheres ou uma só mulher a vários homens (poligamia).

Costuma-se definir os papéis sexuais a partir da biologia, enfatiza-se que homem e mulher são o natural, mas esta é uma questão muito mais sócio-cultural, uma vez que a sexualidade é a expressão do prazer, e prazer cada um(a) tem o seu e deve ser livre para optar.

As religiões são outro fator de intervenção na experiência sexual. Enquanto a tradição judaica-cristã só a admite para a procriação, os cultos atenienses, romanos e hindus atribuíram sacralidade ao ato sexual e o incluíram em suas cerimônias.



O que é estimulante em uma sociedade pode exercer o efeito exatamente contrário em outra.

O que é anormal para uma sociedade ou para algumas pessoas pode não ser para outras sociedades ou para outras pessoas.

Em algumas culturas, a primeira menstruação é objeto de festividades públicas, ao passo que para outras é um acontecimento íntimo e vergonhoso, e a mulher tem que se manter afastada de todo o grupo social.

Em Bali (Ásia), menstruação e gravidez são cerimonialmente desqualificantes: as mulheres grávidas ou puérperas não podem entrar no templo de alguns deuses, nem podem chegar perto de um sacerdote.

Na sociedade brasileira, a gravidez tem o caráter "sagrado", no entanto, *contraditoriamente, somos quase campeões de morte materna e temos sempre que estar lutando pela proteção ao parto e ao nascimento...*

A homossexualidade foi aceita em várias sociedades e em determinadas épocas, + como no mundo greco-romano e em certas áreas do Islã, mas, terminantemente banida em várias outras. No Brasil, algumas pessoas respeitam, muitas olham como "anormalidade" e outras estimulam a perseguição.

Religiões afro-brasileiras: onde a sexualidade é fonte de vida e prazer

O papel do corpo e sua relação com o axé (energia), com a sexualidade, com a saúde e com a medicina tradicional são pilares de sustentação das religiões afro-brasileiras. O corpo livre e solto, girando é a base para manifestação (incorporação) dos orixás (entidades religiosas).

A relação sexual não é tão limitada ao casamento e à reprodução.

A sexualidade e o sexo são tão importantes nessa tradição religiosa que existe uma lenda (itan) contando sobre o local mais apropriado para colocar o ser humano: o órgão genital feminino (iamapô) e o masculino (okani). A religião considera que o sêmen e a secreção vaginal, assim como todos os líquidos do corpo, são portadores de axé, ou seja, da energia da vida. Exu, simbolicamente relacionado à sexualidade e ao desejo, é representado por um falo (pênis).

Refleta e discuta:

"... a cultura existe como vida, não como um cadáver que se reproduz".
(Leonardo Boff)



Atividade

Eu e os(as) outros(as)

Etapas:

- Distribuir revistas para que os(as) alunos(as) recortem o que para eles(as) representa ser diferente.
- Separe-os em grupos para que possam trocar entre os(as) colegas o porquê daquela escolha
- Elaborar um texto coletivo que englobe todas as explicações

Objetivos:

- Trabalhar os conceitos diferença, igualdade e desigualdade
- Trabalhar a diversidade cultural, as diferenças de sexo, opções sexuais, etnias/raça, assim como os diferentes pontos de vista, jeitos de ser.

Leila Diniz (1945-1972)
Símbolo da geração 68, atuou com sucesso no filme
"Todas as mulheres do mundo".

11 GÊNERO: QUE BICHO É ESTE?

Na mente de todos(as) vem logo aquela aula de português: gênero masculino e gênero feminino. Quando falamos em gênero, estamos nos referindo a uma abordagem cultural, onde os papéis femininos e masculinos são determinados de acordo com a cultura. E isto não quer dizer que são imutáveis. Já falamos sobre isto quando abordamos o que significa cultura. Afirmar que mulheres são sensíveis e homens violentos, como se fosse um dado natural, biológico é não querer admitir que tanto o homem quanto a mulher podem ser sensíveis e/ou violentos.

Acontece que, dentro do modelo patriarcal, a sociedade incentivou os homens a exercer, com exclusividade, a força e o poder e incentivou as mulheres a se submeter a esta força. Resultado: relações de gênero através da dominação/submissão.

Dentro de todo este contexto, o velho e o novo, foram construídas as identidades e as relações de gênero. Por ser construído, o gênero difere de uma cultura para outra e pode ser alterado de acordo com a época. No mundo contemporâneo ele vem passando por grandes transformações, lideradas pelo movimento de mulheres e feminista, que repercutem em todas as culturas. A educação tem um papel fundamental e deve estar preparada para lidar com esta "nova ordem mundial", fruto do que se pode classificar de revolução cultural de gênero.

Nascemos do sexo masculino ou do sexo feminino. Esta realidade biológica permanece imutável. O corpo do homem e o corpo da mulher têm singularidades próprias. As diferenças entre os dois sexos estão marcadas na anatomia e na fisiologia. Menstruar, engravidar, parir, abortar são fenômenos do sexo feminino.

Algumas pessoas tentam mudar o sexo biológico através de cirurgia. Mas não se tem ainda, na história, um transexual (homem que tenha feito cirurgia para transformar-se em mulher) que tenha engravidado.

A experiência masculina da sexualidade, vivida como algo concreto e objetivo - a existência de um pênis, ora ereto, ora relaxado, a ejaculação evidente, a possível observação do ato de urinar, etc - é diferente e até oposta, biológica e culturalmente à experiência da sexualidade feminina, vigiada, "guardada" e olhada como um mistério: órgãos sexuais "escondidos", sangramento mensal, ciclos, ovulação, gestação e parto.

**OS ALUNOS DEVERÃO ESCREVER
UM TEXTO SOBRE A SITUAÇÃO DAS
MULHERES NA ATUALIDADE E REFLITIR
SOBRE O QUE MUDOU E O QUE NÃO
MUDOU DE LÁ PARA CÁ. FAZER
O MESMO EM RELAÇÃO AOS HOMENS.**





Abordando um equívoco:

De maneira irônica ou preconceituosa, quando indagamos em quantos sexos se divide a espécie humana, ouvimos algumas vezes a seguinte resposta: "Hoje em dia são três". Isto geralmente faz referência aos homossexuais homens. Há apenas dois sexos: masculino e feminino que, por sua vez, podem optar por uma relação *gay* ou *lésbica*.

As características sexuais são determinadas no útero, no momento da concepção. Estas diferenças sexuais e biológicas não podem mais ser arbitrariamente utilizadas pela cultura que, baseada na idéia do sexo frágil (mulher) e sexo forte (homem), tem limitado a autonomia feminina, seu potencial e acesso ao poder.

As mulheres que não cumprem a norma são muito estigmatizadas, criticadas. São as mães solteiras ou aquelas chamadas de "liberadas", desquitadas, prostitutas, "perdidas".

Uma educação libertária só pode contribuir para relações mais afetuosas e prazerosas entre homens e mulheres, mulheres e mulheres, homens e homens, negros(as) e brancos(as), negros e negras, brancos(as) e índios(as), índios e índias, brancos e brancas, negros(as) e índios(as) enfim, quantas forem as possibilidades desta rica diversidade cultural, étnica/racial humana.

Atividade

Fazendo gênero

Primeira parte: SEXO

Etapas:

- Dividir os alunos em grupos. Solicitar que escolham dois para que, deitados sobre uma folha de papel pardo, tenham seus corpos contornados com pilot
- Sugerir que desenhem em um corpo os órgãos sexuais e reprodutivos da mulher e no outro os órgão sexuais e reprodutivos do homem
- Depois apresentarão os corpos dando o nome aos órgãos e falando sobre suas funções. O (a) educador(a) deverá sugerir que confiram no livro para fazerem as correções

Segunda parte: GÊNERO

Etapas:

- Os mesmos grupos deverão considerar cada desenho como personagens com nome, características familiares, étnicas/raciais, características da personalidade
- Deverão criar um texto teatral, tendo como tema a relação entre homens e mulheres, isto é, a relação de gênero.
- Ensaio e apresentação do texto.
- Amplo debate.

Objetivos:

- Integrar aulas de Ciências, pluralidade cultural, História, Literatura, Dramaturgia etc...
- Trabalhar os conceitos sexo, sexualidade e gênero. Trabalhar esteréotipos.
- Discutir o significado de opressão, para trabalhar questões como violência contra a mulher, violência familiar

12 CORPO: FONTE DE PRAZER

O tabu do corpo

Quando a questão é corpo, sexualidade, relação sexual, vem logo à mente a palavra tabu. O que vem realmente a ser tabu? É a atitude, a postura que a sociedade, grupo social, ou cada um(a) de nós tem ao afastar tudo que é sagrado, inquietante, proibido, profano, impuro.

A menstruação é um tabu em várias culturas. Em algumas delas, ainda hoje, quando as mulheres estão menstruadas não tomam banho e/ou não lavam a cabeça... Também não fazem sexo. Em nossa cultura a menstruação era chamada de "incômodo". Hoje não significa mais impedimento para banhos, praias, atividade sexual.

Em outras culturas a gravidez é um tabu. Em certas regiões as mulheres grávidas não exercem a atividade sexual e, por isso, até aceitam que seus parceiros se relacionem sexualmente com outras mulheres. Hoje já se sabe o quanto é saudável para a mulher grávida e para o bebê (mesmo na barriga) o relacionamento afetivo-sexual.

Existe também tabu em relação à fase mais madura da vida e até em relação à velhice. Para muitas(as), culturalmente, nesta fase não existe atração sexual, desejo, o que leva muitas pessoas, principalmente as mulheres, a não usufruir da sexualidade a partir da menopausa.

Felizmente isto está mudando. Grupos de pessoas nesta fase da vida têm buscado alternativas: organizam-se em grupos de reflexão, dançam, encontram-se para atividades culturais, participam ativamente da vida social e sexual.

Outro tabu se manifesta em relação à homossexualidade.

Ser homossexual ou bissexual não significa doença, infelicidade, anormalidade. Como ser heterossexual também não significa saúde, felicidade e normalidade. Tudo depende do encontro entre as pessoas. Em qualquer das três opções a felicidade ou a infelicidade, o desencontro ou o encontro, a perda ou o achado, a separação ou a união, a agressão ou a paz podem acontecer. O amor também.

Qualquer maneira de amor vale a pena, desde que exista companheirismo, solidariedade, prazer. O importante é fazer o sexo seguro, pois vivemos em tempos de AIDS!!!



Sugestão de vídeo:
Minha vida em
cor de rosa



Vencendo o tabu

Antes perseguido, o prazer entra em cena e pode ser compreendido sob diversas abordagens:

Sob o ponto de vista da cultura

O que dá prazer e o que não dá pode ser também determinado pela cultura. Para algumas culturas o prazer é uma palavra que sugere culpa, pecado. Pode estar associado ao "bem" para umas ou ao "mal" para outras. Há ainda aquelas que consideram o prazer a origem de todos os bons sentimentos e de todos os bons pensamentos.

Sob o ponto de vista da biologia

O prazer é o resultado da satisfação das necessidades. Comer quando se tem fome, beber quando se tem sede, dormir quando se tem sono.

Mas algumas situações de tensão ou de desafio, como em esportes competitivos, também dão prazer, porque a tensão aumenta a quantidade de prazer. Movimentar o corpo dá prazer.

No sexo essa intensificação da excitação é chamada de prazer preliminar, culminando com o prazer final ou satisfação da liberação, ou gozo, ou orgasmo.

Sob o ponto de vista da psicologia:

Ligada a qualquer experiência de alegria ou felicidade existe uma sensação corporal de prazer. A pessoa fica no estado de prazer quando os movimentos de seu corpo fluem livre, ritmicamente e em harmonia com o ambiente.

O trabalho pode ser uma fonte de prazer, desde que as condições ambientais e a atitude que o(a) trabalhador(a) tem em relação à sua tarefa não esgotem sua energia.

Conversar é um prazer, principalmente se na conversa há comunicação e sentimentos. Divertir-se é um prazer, mas ficar quieto, em silêncio, pode também ser prazer. Na relação sexual o prazer se concretiza melhor quando fluem os sentimentos e as emoções.

Sob o ponto de vista da bioenergética:

Prazer significa a "chave para uma vida criativa", a liberação de energias. O compromisso e a responsabilidade para com o que se está fazendo é uma das condições essenciais e fundamentais para o prazer. Seja dar aula, seja estudar, pesquisar, buscar informações, repassar informações, educar, encontrar com amigos(as), fazer esporte, dançar, exercer uma arte, amar, fazer o sexo. Pode-se ter prazer nas circunstâncias comuns da vida.

O tabu da virgindade

Costuma-se chamar de "virgem" a mulher que nunca teve relação sexual com penetração ou, biologicamente falando, que ainda não tem o hímen rompido. O termo vem da religião, que previa a santidade das mulheres. "Perder" a virgindade, só através do casamento.

A virgindade pode ser valorizada em várias culturas, de várias formas. No entanto, em uma sociedade patriarcal e machista como a nossa é sempre a virgindade da mulher: mais exigida que a do homem, e seu prazer muito mais controlado. Falar, no Brasil, que um rapaz é virgem causa espanto, ironias. Ao contrário, falar que uma jovem solteira não é virgem já causou muito espanto. Hoje este espanto está mais amenizado, os(as) adolescentes iniciam a vida sexual muito cedo. Por isso precisamos estar mais preparadas(os) para o diálogo, para a compreensão, para passar informações, para ajudá-los(as) a viver uma vida sexual saudável fazendo prevenção, tomando os devidos cuidados. Uma diálogo aberto pode ser muito mais interessante do que repreensões, castigos e punições. Muitas garotas revelam que, pressionadas pelos garotos, estão fazendo sexo anal "para se manterem virgens".

Se não abrimos com coragem e jeito esta discussão, não estaremos contribuindo com a prevenção em relação a AIDS, que tem no sexo anal a maior possibilidade de contaminação.



Primura de Max Ernst (trabalho - 1936)
Virgem Maria e o menino Jesus

13

O ESPELHO: DO CORPO E DA ALMA AUTO-CONHECIMENTO

Se falarmos de sexualidade sob a perspectiva biológica, estamos nos referindo às diferenças anatômicas entre homens e mulheres. Se falarmos sob a perspectiva fisiológica, estamos nos referindo ao funcionamento físico-químico do aparelho reprodutor. As dimensões psicológicas se traduzem por manifestações do inconsciente (desejos, sonhos, fantasias); as dimensões sociais correspondem ao desempenho de papéis sexuais socialmente definidos e às consequências da "desobediência" em relação a esta definição; as dimensões culturais referem-se a valores, códigos, representações que cada grupo faz da sexualidade para entendê-la e exercê-la.

O auto-conhecimento é fundamental. É preciso conhecer o corpo como um todo formado de partes que se relacionam; conhecer o corpo enquanto perspectiva física, também emocional e erótica-sexual. Para que o nosso corpo realmente nos pertença, precisamos conhecê-lo e entendê-lo a partir da cultura na qual estamos inseridos. Não só o corpo mas todo o seu potencial de expressão. Isto vale para homens e mulheres.

Anatomicamente falando...

Os órgãos sexuais dos homens e das mulheres podem ser divididos em órgãos sexuais, responsáveis pelo prazer, e órgãos reprodutores, responsáveis pela fabricação e transporte de espermatozoides e óvulos.



4. Ovulação

Desde o nascimento, a mulher já tem em seus ovários cerca de 5 milhões de óvulos, em estado imaturo. A maioria desses óvulos não vai ser fecundada nem amadurecer, permanecendo inativa nos ovários. Os óvulos que amadurecem são cerca de 500, que vão se despreendendo, em geral apenas um a cada ciclo, desde a primeira menstruação até o fim da vida reprodutiva da mulher.

A saída do óvulo de dentro dos ovários é provocada pela ação dos hormônios. O óvulo parece dar um salto para fora do ovário, sendo colhido pelas franjas da extremidade das trompas de Falópio, através de seus movimentos ondulatórios. O que chamamos de ovulação é essa saída do óvulo de dentro do ovário.

Depois que sai do ovário, o óvulo - que é minúsculo, invisível a olho nu - tem pouco tempo de vida. Alguns pesquisadores dizem que vive 24 horas, outros dizem que vive até 48 ou 72 horas. É bom saber que os espermatozoides podem permanecer vivos nas trompas até quatro dias à espera do óvulo. É durante o tempo que o óvulo está vivo que pode ser fecundado.

Se houver fecundação... A fecundação é a união do óvulo com o espermatozoide. Ela se dá na porção da trompa que fica mais próxima do ovário. Se não for fecundado, o óvulo morre e é reabsorvido pelo organismo ou expelido junto com as secreções vaginais na menstruação.

O óvulo leva seis dias viajando pela trompa até chegar ao útero. Quando aí chega fixa-se em algum local de suas paredes onde começará a crescer. É o início da gravidez.

5. Engrossamento do endométrio

As paredes do útero (endométrio) se preparam para receber o óvulo fecundado. Também influenciada pelas variações hormonais, essa preparação consiste no engrossamento das paredes uterinas com o crescimento dos vasos sanguíneos e a intensa produção de substâncias nutritivas pelas glândulas aí existentes. Tudo isso ocorre para que o óvulo fecundado, o ovo, possa se fixar no útero, situação chamada de nidadação.

6. Menstruação

Se não houver fecundação, mais ou menos 14 dias depois da ovulação, aparece a menstruação, que nada mais é do que a eliminação daquela camada espessa e grossa formada no útero para aninhar o óvulo fecundado.

O fluxo menstrual é composto não só pela camada que se forma no útero, como também por sangue, secreções vaginais e cervicais.

A menstruação aos poucos vai deixando de ser tabu e encontrando espaço para uma maior compreensão sobre o seu significado e importância.

Na nossa sociedade, nos tempos de nossas avós e de muitas mães, estas raramente recebiam informações e viviam às voltas com algumas proibições ou interditos: chupar limão, lavar a cabeça, não ir à praia. Imaginem no tempo das bisavós... até falar sobre este assunto era proibido.

É a você, educadora, quem lhe contou sobre menstruação? Como lhe contaram? E você educador, o que sabe sobre a menstruação? Apesar de só acontecer com as mulheres este também é assunto para homem. Em tempos de AIDS, um tempo em que muitas mulheres fazem o sexo mesmo menstruadas, deve-se alertar para o uso da camisinha.

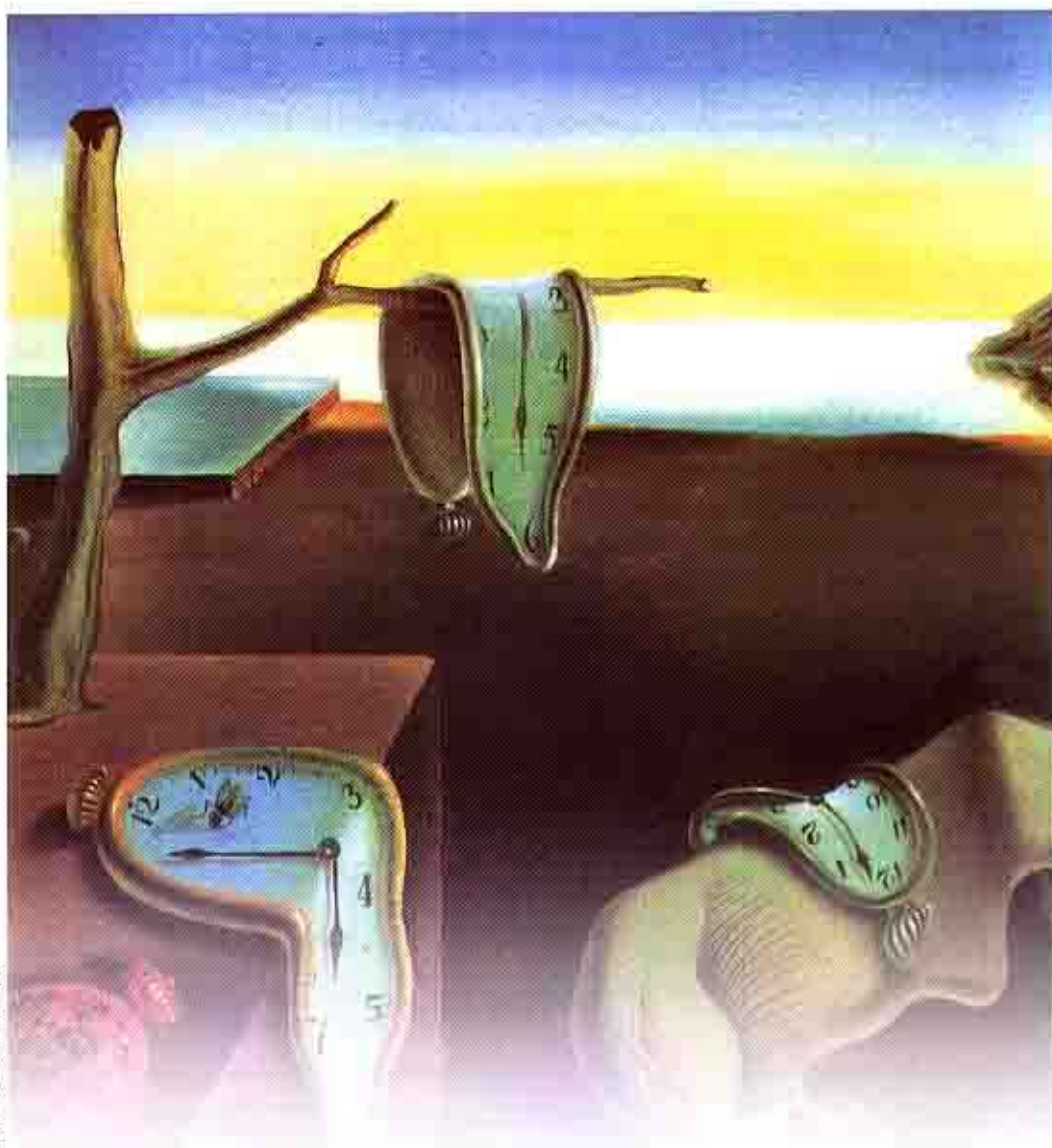
Menopausa... não é o fim

A menopausa, também chamada de climatério, representa o final do ciclo reprodutivo da mulher. A partir de uma certa idade, entre os 45 e os 55 anos, vão desaparecendo do corpo feminino os fenômenos da ovulação, do engrossamento do endométrio, a menstruação.

A mulher é sempre confundida com sua capacidade de ter e criar filhos. Daí, pensam que, se não podem ter mais filhos, a vida acabou.

Esta é uma nova fase de modificação no corpo da mulher, como foi a puberdade ou a gravidez. Enquanto fase de transição ela, naturalmente, apresenta sintomas que podem ser desagradáveis. Enfrentá-los com maior disposição depende da maneira como entendemos essa passagem.

A experiência concreta de muitas mulheres demonstra que o fim da menstruação não diminui o desejo, nem perturba o relacionamento sexual. Algumas mulheres afirmam até que a sexualidade ficou mais livre, uma vez que a partir da menopausa desaparece o temor da gravidez indesejada.



Salvador Dalí "A persistência da memória" (Idelalhe)

Gravidez

Durante muito tempo, e precisamos desmistificar isto, a gravidez foi vista como uma doença. Gravidez é saúde.

A gravidez é expressão de vida que se torna muito saudável quando mães e pais vivem de forma responsável, isto não implicando necessariamente em casamento. Relações de respeito entre a mulher e o homem fazem bem ao bebê.

Primeira relação sexual na adolescência

Em uma determinada época, quando se desejava inserir nas escolas a questão da sexualidade, ouvia-se respostas do tipo: "quando tiver necessidade", "quando eles perguntarem", "quando acontecer alguma coisa que justifique falar sobre sexo".

E está acontecendo alguma "coisa", aliás, algumas coisas: gravidez na adolescência, abortos realizados às escondidas e nas piores condições, prostituição infanto-juvenil, alto índice de AIDS entre os adolescentes, grande consumo de drogas, armamentos nas escolas, etc. Mas entendemos que a "coisa" mais importante e inicial para acontecer é a informação clara, cuidadosa, corajosa e sem preconceitos. A prevenção é exatamente informar ou tomar atitudes, utilizar meios para que a "coisa" não aconteça sem que saibam o porquê e/ou o que está acontecendo.

Então, que tal abordar esta questão de frente?

Sabemos que a sociedade estimula os meninos a uma primeira relação bem cedo como "prova de virilidade", enquanto as meninas devem preservar a virgindade para o casamento. Nos nossos tempos, sabemos que os meninos iniciam cedo a vida sexual e as meninas também. E também que ambos estão super desinformados sobre os riscos que correm.

A escola é um lugar privilegiado para os primeiros encontros, primeiros namoros, primeiros amores. Olhar com intolerância para este fato real é perder a grande oportunidade de iniciar o debate, a transmissão de informações.



por que não usam contraceptivo na primeira relação sexual



Fonte: Pesquisa Nacional Bemfam

A gravidez na adolescência

O grande número de adolescentes grávidas tem sido uma preocupação para pais, mães e educadores(as) quando se deparam com a "surpresa". Muitos(as) se culpam "por não ter conseguido impedir".

Adolescentes, tanto homens quanto mulheres, devem ser bem informados sobre o ciclo menstrual, sobre a possibilidade de uma gravidez caso não estejam usando algum contraceptivo.

Voltando um pouco à história (vejamos nossas avós, por exemplo), era comum uma jovem de 15 anos engravidar. Casava-se muito cedo e existia uma cobrança social muito forte para que as mulheres engravidassem. O casal que não tinha filhos era olhado atravessado e as mulheres recebiam a classificação, em algumas regiões do Brasil, de "figueiras do inferno". Os tempos mudaram...

Hoje, a alta taxa de fecundidade entre as adolescentes (10 a 19) tem sido um fenômeno. Geralmente os rapazes "escapam" e as jovens têm que arcar com tudo o que uma gravidez tão cedo pode trazer de conseqüências.

Crescimento da fecundidade entre jovens brasileiros de 15 a 19 anos nos últimos 50 anos - em %



Geralmente a família, mais os pais do que as mães, tem muita dificuldade em lidar com a situação. Na escola também há muita dificuldade aliada ao preconceito e a conseqüência disto pode ser o abandono da escola.

As tentativas de aborto, exatamente por ser proibido, são perigosas, na maioria das vezes através de uso exagerado de medicamentos. Muitos são realizados na clandestinidade, em péssimas condições, quando não acontecem seqüelas e mortes; há alguns casos de tentativa de suicídio.

Quando levam a gravidez a termo, esta pode acontecer com vários problemas, muitos gerados por medo, insegurança, dúvida, arrependimento, culpa, solidão (abandono da família e do "companheiro");

Pode acontecer o risco do uso ou aumento do uso de drogas, álcool, cigarro. Tudo isto, aliado à desinformação ou à falta de orientação adequada. Conseqüentemente, há um acesso tardio ao acompanhamento pré-natal.

No entanto, muitas adolescentes engravidam e ficam felizes, se sentem realizadas, tornam-se ótimas e responsáveis mães.

Licença... parada obrigatória para o(a) educador(a) pensar..

E se a garota resolver ter o bebê? Os(as) educadores(as) devem incentivar que ela fique estudando até o momento de parir. Sua vaga também deve estar garantida quando retornar. Trabalhadoras lutam pelo direito à licença maternidade, inclusive as educadoras. E as alunas? Não deveriam ter também direito à licença maternidade e ao retorno à escola?

Muitas vezes é a grande probabilidade de repetência que desestimula o retorno.

Este é um bom assunto para debate entre diretores(as), educadores(as), funcionários(as), alunos(as) de todas as escolas.

Adeus aos livros

As cinco principais razões de abandono da escola entre garotas de 15 a 19 anos, grávidas e/ou mães. Em ordem decrescente:

- 1 A GRAVIDEZ
- 2 O CASAMENTO
- 3 O DESAPONTAMENTO COM A ESCOLA
- 4 A NECESSIDADE DE TRABALHAR
- 5 A NECESSIDADE DE CUIDAR DOS FILHOS

Fonte: Pesquisa Nacional Bemfari

A grávida, de qualquer idade, deve tomar os seguintes cuidados:

- Fazer o teste de VDRL (sífilis) e o anti-HIV (teste da Aids)
- Usar camisinha sempre que "transar"
- Não usar cigarro, álcool e drogas: fazem mal à saúde da mulher e do bebê
- Informar-se bastante sobre o parto e, se possível, integrar-se a um grupo de gestantes
- Levar o "cartão da gestante" quando for ter o bebê
- Informar-se sobre os cuidados para com o bebê e preparar-se para amamentar
- Informar-se sobre métodos contracepcionais para usar depois do parto

É o pai adolescente?

Se as adolescentes, meninas jovens, não estão preparadas, imagine os meninos, adolescentes.

Sobre este ninguém fala... aliás, tem sido comum transformá-lo em bode expiatório. Se para as adolescentes, muitas desinformadas, poucas informadas sobre o processo do ciclo reprodutivo, sobre a sexualidade, é complicado realizar a auto regulação da fertilidade, imagine os garotos, que sabem pouco, ou quase nada sobre este processo...É fundamental envolvê-los, informá-los, afinal de contas, estamos falando de um assunto para homens e mulheres: conhecer o próprio corpo, conhecer as diferenças entre o corpo feminino e o masculino, conhecer a origem da desigualdade de gênero. A conversa entre homens e mulheres deve ser estimulada desde a infância. A troca faz parte do auto-conhecimento e do conhecimento do(a) outro(a) para a realização de escolhas de parceiros(as) e para a vivência mais feliz da sexualidade.

Ninguém tem o direito de exercer controle sobre o(a) outro(a), sobre seu corpo nem sobre a sua vida sexual. As informações sobre os métodos contraceptivos devem chamar atenção para a dupla importância da camisinha masculina (que já existe há muito tempo) ou feminina (começando a entrar no mercado): contracepção e prevenção das DST/AIDS.

Se sua aluna adolescente estiver grávida...

- Nos postos de saúde, hospitais e maternidades, ela deve ser tratada com respeito e ter garantia de atendimento ao pré-natal e ao parto.
- Nas consultas de pré-natal, deve saber que o seu "cartão de gestante" deve ser preenchido.
- **Após o 8o. mês de gestação, pode receber a matéria e os exercícios em casa e fazer as provas na escola depois que tiver o bebê.**
- Durante a gravidez (até o 8 mês) e depois de ter o bebê é muito importante que ela não abandone a escola e continue estudando.
- Na maternidade é direito da sua aluna ficar com um(a) acompanhante.
- Os Conselhos Tutelares da Criança e do Adolescente é o órgão encarregado de zelar pelo cumprimento destes direitos.

IPROSAO
Programa de Saúde do
Adolescente - SMS/RJ

Depoimento:

"Tive um professor de física no Pedro II que dizia que as meninas é que tinham que ficar espertas porque os meninos só queriam saber de dar uma 'cuspíndinha', que eles só pensavam com a cabeça de baixo".





Parto

Desde as civilizações mais antigas, o parto é vivido, em diferentes partes do mundo, das mais diversas maneiras, por causa das características históricas, culturais, políticas e socioeconômicas de cada região, de cada cultura.

Sem interferência de fatores externos, as mulheres, desde os tempos mais primitivos, escolheram posições variadas na hora do parto.

O parto na atualidade passou a ser realizado em hospitais, em maternidades e a cesariana (parto cirúrgico) se tornou predominante em relação ao parto natural ou normal. Esta cultura da cesariana, na maioria das vezes desnecessária, é uma das grandes responsáveis no Brasil pela morte de mulheres no momento do parto.

Hoje, em todo o Brasil, existem várias experiências de proteção ao parto e ao nascimento, campanhas a favor do parto normal e da redução de cesarianas.

Aborto

No Brasil, são realizados, de forma clandestina e, na maioria das vezes, nas piores condições, 1 milhão e 400 mil abortos por ano. A cada ano, mais de 250 mulheres são internadas com complicações decorrentes de abortos clandestinos.

Desde 1940 o Código Penal (artigo 128) admite aborto somente em duas circunstâncias: se a gravidez for resultante de um estupro e se a gestante correr risco de vida. Mesmo assim tem sido muito difícil para as mulheres garantir esse direito.

Mas não é assim em todo o mundo. Em 1970 a prática do aborto por opção tornou-se legal no Estado de Nova York. Em 1971 a taxa de morte de mulheres por aborto diminuiu em 45%. Entre 1973 quando a legalização se estendeu para todos os estados norte-americanos e 1990 o risco de morte por aborto havia diminuído para 0,3 mortes para cada 100 mil abortos.

Entre 1970 e 1990, a morte materna decorrente de complicações de abortos inseguros caiu em 60% em Cuba, onde o Estado assumiu desde 1998 a responsabilidade pelos serviços de aborto legal a pedido da mulher.

Entretanto, no Brasil, reina a hipocrisia em relação ao aborto, e, enquanto ele não for visto como um sério problema de saúde pública, as mulheres continuarão sofrendo seqüelas e morrendo.

Aborto na adolescência

Tem sido cada vez maior o número de adolescentes que engravidam levadas pela "prova de amor".... A conseqüência, muitas vezes é o aborto. Geralmente acabam sofrendo seqüelas causadas por abortos inseguros, isto é, praticados por pessoas não capacitadas e em ambiente não higiênico, o que aumenta consideravelmente o risco de morte.

Outros assuntos palpitantes sobre os(as) adolescentes

Adolescentes não são "aborrecentes"

Atire a primeira pedra o láá...

Quem nunca foi um dia?

É necessário entendermos a cultura em que os(as) adolescentes estão inseridos(as) no Brasil:

• uma cultura da imagem, do consumo e do espetáculo. O ler, pensar e refletir correm o risco de serem substituídos pelo ver e imitar. É neste contexto da aparência que a sexualidade é mostrada e vendida como mercadoria

• uma cultura do narcisismo, isto é, do "eu" antes de tudo e de todos(as). É neste contexto que o(a) outro(a) pode transformar-se em um objeto descartável

• uma cultura do egoísmo que não tem incentivado o afeto, a responsabilidade

• uma cultura sem projetos, daí a facilidade de desvalorizar-se e desvalorizar o outro. É neste contexto que se dá a violência em suas várias faces: agressões, estupros, assédios sexuais, roubos, assaltos, seqüestros, mortes

Este ambiente muitas vezes torna a estréia e a trajetória da sexualidade não muito saudáveis, sem nenhum cuidado ou prevenção.

Não dá para generalizar:

Muitos(as) adolescentes vivem fora deste modelo, se engajam e se mobilizam de forma positiva. Inúmeros grupos de jovens se criam em todo o Brasil e se manifestam através da música, do grafismo e do esporte.

Ficar ou não ficar eis a questão

O(a) adolescente tem uma ética, assim como os(as) adultos(as). Para esta ética, "ficar" significa não ficar, não ter compromisso. Adolescentes de outros tempos, em maior ou menor grau, falavam em "flertar", "paquerar", "sarrar", sem compromisso. Outros(as) falaram em "ir à luta". Desta forma estão descobrindo, experimentando, conhecendo sensações, sem os "pudores" de outras gerações, que enrubesciam só em pensar, quanto mais em fazer.

Porque ameaça? Porque perturba as juras "oficiais" de amor eterno, as promessas de fidelidade, como "até que a morte nos separe". Afinal de contas, são jovens que já nasceram em uma cultura de desquites, separações, divórcios.

A sexualidade vivida pelo(a) adolescente ganha o feitio do contexto cultural em que está inserido, de acordo com a linguagem e os valores do momento. O "ficar" é um exemplo. Mesmo assim dizem "ficar" até "encontrar alguém". É diferente, por exemplo, do Brasil Colonial, e até Republicano, quando os pais determinavam com quem filhos e filhas deveriam se casar. Casavam-se sem nenhum tipo de conhecimento do(a) outro(a). Isso ainda acontece em outras culturas.



15 PRÁTICAS SEXUAIS

No mundo contemporâneo não se fala mais em invasão da vida privada ou da intimidade para controlar a vida das pessoas, suas preferências e práticas sexuais. Cada indivíduo, seja homem ou mulher, sabe do seu desejo e da forma para realizá-lo. Nisto se inclui o desejo sexual.

O desejo sexual significa ter vontade sexual, sentir-se atraído sexualmente por alguém, ter fantasias eróticas, sentir "tesão".

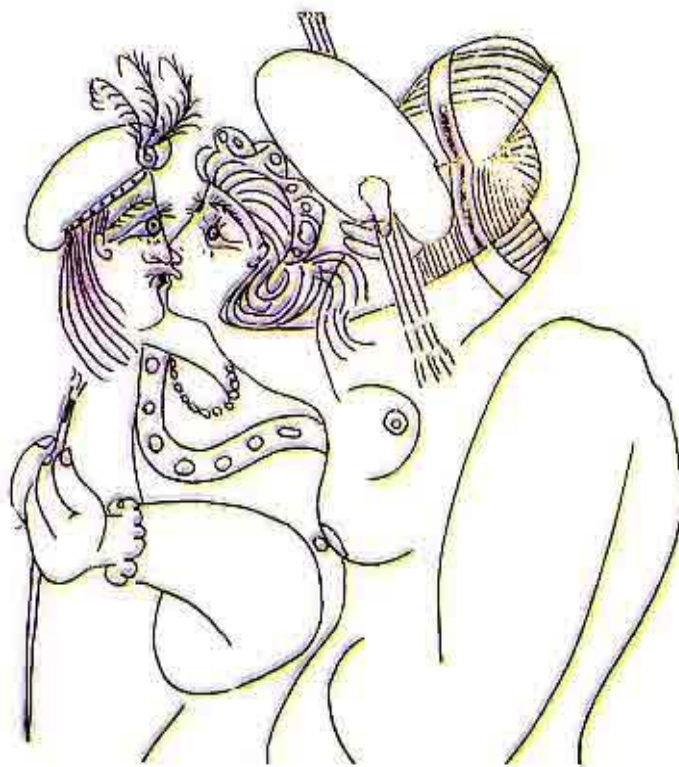
As fontes que estimulam o desejo variam de pessoa para pessoa. O que pode dar "tesão" para uns(as) pode ser uma "fria" ou "gelada" para outros(as). Segundo o provérbio popular, "gosto não se discute e ponto".

A atração e o desejo podem se manifestar através de um olhar, de um sorriso, de um toque, de uma poesia, de uma música. No encontro entre duas pessoas qual seja a opção sexual, o corpo responde com sedução, movimentos, ritmos, na maioria das vezes culminando no orgasmo.

Todo o corpo, seja da mulher seja do homem, se envolve durante o relacionamento sexual, se a atração pela outra pessoa existir. Corpo e sexualidade implicam movimento.

O toque dos genitais e de outras zonas erógenas do corpo é a maneira mais forte de provocar a excitação sexual.

No homem a pulsação tem início nas vesículas seminais, uretra e próstata, culminando com a ejaculação do sêmen. Na mulher a pulsação se manifesta nas contrações rítmicas do útero e dos pequenos lábios alongados. Tanto para o homem quanto para a mulher o orgasmo pode acontecer, não sendo obrigatório que aconteça com os dois ao mesmo tempo. No orgasmo completo, os movimentos pélvicos, que gradualmente vão aumentando de frequência, tornam-se involuntários e mais rápidos. Seu ritmo coordena-se com o ritmo das pulsações genitais. A respiração torna-se mais profunda, acelerando-se para integrar o ritmo geral. O coração acelera suas batidas. Sente-se a pulsação da vida em cada célula do corpo.



33 68. II
Picasso

Atividade O sexo nosso de cada dia

Etapas:

- Em um espaço agradável, silencioso, com música suave, fazer com os(as) alunos(as) um exercício de relaxamento e interiorização
- Explicar que deverão fazer na argila um símbolo, que para cada um(a), signifique a sexualidade
- Distribuir para cada um(a) uma porção de argila, que deverá ser amassada, de olhos fechados, combinando o movimento das mãos com o da respiração e da música

Objetivos:

- Delicadamente informar que podem abrir os olhos e continuar o seu trabalho dando forma à argila
- Finalizando, todos trazem a sua escultura para o centro da roda e cada um(a) falará sobre o que fez
- Dar oportunidade aos(as) alunos(as) de tomarem contato consigo, seus pensamentos, fantasias
- Transformar em objeto artístico este pensamento, esta imaginação
- Através do artístico e da expressão sobre o seu trabalho (como fizeram, do que lembraram, se foi bom ou não, porque) iniciar a discussão sobre a sexualidade, as religiões e a história.



Não se chega ao orgasmo apenas na relação com outra pessoa. Cada um(a) pode usufruir do seu corpo, sentir prazer consigo mesmo através da masturbação, em qualquer período da vida.

Masturbação

Do que se trata? Da estimulação dos próprios órgãos genitais, experimentada tanto pelos homens quanto pelas mulheres. Na nossa cultura está envolvida muito mais com culpa do que com prazer.

No período da Inquisição, a pessoa acusada de masturbação era tida como herege e condenada a morrer na fogueira. Houve uma época em que se acreditou que a masturbação causava loucura, ataques epiléticos, reumatismo, acne, asma, idiotia, impotência, cegueira e o crescimento de pelos nas mãos.

Em pleno século XXI não podemos mais acreditar em tanta bobagem. A masturbação faz parte da sexualidade normal. Homens e mulheres começam a praticá-la na infância e o fazem até a velhice. Independente da idade, representa valiosa contribuição para melhor conhecimento do próprio corpo e das emoções, além de causar prazer.

Masturbação masculina:

A maioria dos homens se masturba com as mãos, enquanto alguns esfregam o pênis contra o colchão ou cobertas.

Masturbação feminina:

A maioria das mulheres se masturba girando o dedo contra o clitóris, outras com compressão e decompressão rítmicas dos músculos das coxas, outras esfregando os genitais contra um travesseiro ou cobertas, outras usam vibrador ou chuveirinho (ou ducha do bidê) sobre o clitóris.

É se acontecer na sala de aula ?

Alguns(as) professores(as) relatam terem presenciado alunas e, em maior número, alunos se masturbando em sala de aula. Ficam chocados, sem saber o que fazer, principalmente se os(as) outros(as) alunos(as) também presenciaram.

Quem já presenciou? Podemos ter visto apenas um ou alguns casos e transformamos isto em um "Deus nos acuda", como se a masturbação acontecesse todo o tempo e praticada por todos(as).

Se iniciamos na escola a orientação sexual antes desta fase, podemos estar trabalhando com os(as) alunos(as) o que se pode fazer, sem constrangimentos, no espaço público e no espaço privado.

Se o seu(sua) aluno(a) estivesse lendo uma revistinha, desenhando na carteira, estaria fazendo algo em sala na hora da aula. O problema está em não prestar atenção no que ocorre em sala ao mesmo tempo que perturba os outros pelas atividades que exerce. Que ele esteja se masturbando, vendo figuras, ou jogando papel no outro não faz a menor diferença. Acontece que a masturbação provoca reações mais impactantes nos(as) adultos(as). O(a) aluno(a) pode estar querendo ser notado(a). A atitude do(a) educador(a) não pode ser de repreensão, principalmente na frente dos demais. O que deve ser colocado para o(a) aluno(a) é que o que ele(a) está fazendo está sendo desenvolvido num momento e, principalmente, em local inadequado, é uma atividade particular e privada. O conhecimento do corpo através do prazer é um direito da criança. Por outro lado, ela também tem que aprender a enfrentar a realidade: a sala de aula não é lugar para se masturbar, mas ela pode fazer isso em outro lugar. É importante averiguar se esta criança está se sentindo rejeitada pelos(as) colegas, pelo(a) professor(a). Ela pode estar com dificuldade de aprendizagem, com problemas em casa, ou simplesmente, com a roupa apertada (calça, por exemplo), com algum machucado ou irritação na pele.

Atividade

Listar com os(as) alunos(as) o que imaginam que se deve ou pode ser feito na intimidade, na privacidade ou em público.

Público

Privado

Local

Com quem

Momento

sexo vaginal

Relação sexual através do contato entre a vagina e o pênis. Nos tempos de hoje é fundamental fazer o sexo seguro, isto é, com camisinha.

sexo oral

Relação sexual através do contato entre a boca e os genitais (vulva, pênis, anus) da outra pessoa (pode ser homem com homem, homem com mulher ou mulher com mulher). É o que se costuma chamar de "boquete".

Deve-se tomar cuidado porque em uma pessoa com o vírus(HIV) da AIDS, o esperma ou secreção vaginal tem quantidade suficiente para contaminar outras pessoas.

Para isto é fundamental a saúde bucal.

sexo anal

É a relação pênis/anus, que pode ocorrer entre homem e mulher ou entre parceiros masculinos. Deve-se tomar extremo cuidado com o sexo anal. Sem camisinha nem pensar.

16 PRA QUE RIMAR AMOR E DOR? ASSÉDIO SEXUAL, ESTUPROS E TANTA VIOLÊNCIA...

Este é um capítulo cujo tema destoa totalmente dos apresentados até aqui. Falar sobre assédio sexual, estupros e violências no contexto da sexualidade pode parecer estranho. No entanto, tratam-se de abusos sexuais e são cometidos em todo o mundo, assim como no Brasil. São fruto de um modelo de relações sociais e sexuais de dominação/submissão, em todas as classes e segmentos sociais, etnias/raças e regiões.

As vítimas, em potencial, têm sido as mulheres e os jovens. Estes na relação com o tráfico de drogas. As mulheres, nas relações com os homens, seja nos parques, nas ruas, no trabalho.

Assédios sexuais, estupros, espancamentos, prostituição infantil e juvenil, danos físicos, sexuais ou psíquicos, coerção, privação arbitrária de liberdade, espancamentos, assassinatos de mulheres precisam ser erradicados.

Os agentes da violência contra as mulheres são, sobretudo, maridos e companheiros que praticam a chamada violência doméstica.

Amor, solidariedade, liberdade, responsabilidade, igualdade, amizade, relações não discriminatórias são posturas e sentimentos que precisam fazer parte das relações. Devem ser incentivados nos lares, nos locais de trabalho, em qualquer atividade, seja nas brincadeiras, no esporte, na política, na sala de aula, no namoro, no "ficar", no noivado, no casamento.

Divulgue esta idéia. Faça com seus(as) alunos(as) um

PACTO PELA PAZ

**QUEM AMA NÃO MALTRATA
QUEM AMA NÃO MATA**



CONTRACEPÇÃO TAMBÉM TEM HISTÓRIA

Desde os primórdios da civilização busca-se uma maneira de evitar filhos. Na Antiguidade usavam-se unguentos, esponjas, substâncias ácidas e revestimentos para o pênis. Junto com estes meios a regulação da fertilidade era predominantemente comportamental: amamentação, abstinência, coito interrompido. As mulheres transmitiam estas informações de geração a geração.

No século XVI, o médico anatomista Gabrielle Fallopio, que identificou o sistema genital feminino dando seu nome às trompas (trompas de Fallopio), criou um revestimento de linho para o pênis como meio de prevenir a sífilis. Um pouco mais tarde foram fabricados revestimentos, já para efeito de contracepção, de tripa de carneiro, modelos delicados e completamente impermeáveis.

Por volta de 1850 são fabricados os primeiros artefatos modernos para contracepção (condons, pessários, diafragmas e capas cervicais). Após a vulcanização da borracha os revestimentos para o pênis tornaram-se populares na Europa.

No século XX, década de 1910, Margareth Sanger (americana) iniciou uma luta pelo direito à contracepção. Importou diafragmas e por isto foi presa. Passou a pesquisar sobre hormônios esteróides. Foi com base nestas pesquisas que Pincus pôde lançar, em 1960, a pílula.

Além da pílula, o DIU, o diafragma, a camisinha e outros métodos compõem as alternativas para a contracepção. Cada casal deve encontrar o método que tem a ver com o seu organismo e relação.

Métodos naturais



Tabelinha

Como funciona: não ter relações sexuais nos dias férteis (dias do ciclo menstrual em que se pode engravidar)

Algumas vantagens: inofensivo para a saúde, ajuda a conhecer o corpo

Algumas desvantagens: os dias férteis podem variar e, neste caso, o método falha



Billings

Como funciona: observando o muco da vagina todos os dias para saber quais são os dias férteis, quando não se deve ter relações sexuais

Algumas vantagens: inofensivo, ajuda a conhecer o corpo

Algumas desvantagens: exige disciplina, muito conhecimento do próprio corpo e pode falhar, como a tabelinha

Métodos hormonais



Pílulas:

Como funciona: hormônios parecidos com os que temos no corpo, que devem ser tomados diariamente

Algumas vantagens: é rara a chance de falhar.

Algumas desvantagens: alteram o funcionamento do organismo podendo causar efeitos colaterais como obesidade, tontura, dor de cabeça.



Injeções

Como funciona: são tomadas uma vez por mês ou a cada três meses

Algumas vantagens: poucas aplicações

Algumas desvantagens: efeitos colaterais como as pílulas. Algumas são proibidas em outros países, no entanto, vendidas no Brasil

De barreira



Diafragma

Como funciona: uma capa de borracha colocada na vagina antes da relação impede o contato do espermatozóide

Algumas vantagens: inofensivo, ajuda a conhecer o corpo

Algumas desvantagens: é preciso colocar sempre que tiver relação sexual



DIU - Dispositivo Intra Uterino

Como funciona: um pequeno T de plástico e cobre, colocado no útero, impede que o óvulo encontre o espermatozóide

Algumas vantagens: evita a gravidez entre dois e cinco anos

Algumas desvantagens: precisa de acompanhamento médico constante e algumas mulheres não se adaptam



Espermicida:

Como funciona: produto que, colocado na vagina antes da relação, mata quimicamente os espermatozóides

Algumas vantagens: pode ser usado junto com a camisinha ou o diafragma

Algumas desvantagens: se usado sozinho, pode falhar

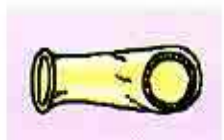


Condom ou Camisinha masculina

Como funciona: capa fina de borracha colocada no pênis, impede que os espermatozóides entrem em contato com a vagina e colo do útero

Algumas vantagens: protege contra a AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis

Algumas desvantagens: depende de um acordo com o parceiro



Femidom ou Camisinha feminina

Como funciona: uma capa de borracha, bem maior que o condom e que reveste a vagina

Algumas vantagens: protege contra a AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis

Algumas desvantagens: ainda custa caro

Cirurgias definitivas para evitar a gravidez



Laqueadura de trompas ou ligadura

Como funciona: cirurgia que corta as trompas e impede que o óvulo encontre o espermatozóide

Algumas vantagens: a chance de gravidez é quase zero

Algumas desvantagens: a mulher nunca mais poderá engravidar e muitas apontam vários efeitos colaterais



Vasectomia:

Como funciona: cirurgia que impede o espermatozóide chegar à vagina

Algumas vantagens: por ser responsabilidade do homem é menos um ônus para as mulheres e para o homem, em alguns casos, é uma cirurgia reversível

Algumas desvantagens: é difícil conseguir a cirurgia para reversão, tomando o caráter de definitiva.

18 UMA HISTÓRIA QUE SE REPETE

DOENÇAS SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

As intervenções médicas contra as chamadas doenças venéreas no Brasil, especialmente contra a sífilis, até então considerada a mais grave entre elas, se estenderam de finais do século XIX até cerca de 1920. A prostituição foi apontada como a grande disseminadora da doença, o considerado "grupo de risco".

Um outro "olhar" diria que o sistema vigente tinha como objetivo proteger a moral das famílias, discriminando, naquele momento, quem hoje se coloca no espaço da sociedade brasileira enquanto "profissionais do sexo".

Por estarem diretamente ligadas à relação sexual, estas doenças ficam sempre entre dois planos: o da doenças propriamente dita, e o da moral.

AIDS - A epidemia do milênio



A AIDS - Síndrome da Imunodeficiência Adquirida é, na atualidade, uma doença que causa tanto impacto quanto a sífilis (que já tem tratamento e cura) em outro tempo.

Na história desta epidemia também se procurou os "culpados", pois as pessoas que adquirem ou transmitem uma doença sexualmente transmissível sempre foram apontadas como bode expiatório.

No início da epidemia da Aids, pouco se sabia sobre esta doença. Aliado a esta ignorância, o preconceito difundiu a idéia de grupos de risco, acompanhada de julgamentos morais uma vez que ela iniciou a contaminação entre os segmentos de homossexuais e usuários de drogas injetáveis e a seguir entre as profissionais do sexo.

Depois surgiu o conceito de comportamentos de risco, colocando apenas em cada pessoa a responsabilidade pela infecção. Mas existem outros fatores que intervêm e determinam, muitas vezes, a atitude e a conduta das pessoas, ampliando ou diminuindo as situações de risco: acesso ou não à informação, serviços e programas de saúde e condições de vida digna, assim como os códigos culturais que dizem como deve se expressar a sexualidade de homens e mulheres.

Depois de grupo de risco, de comportamento de risco e situação de risco, um outro conceito surgiu: o de situação de vulnerabilidade, que engloba estes aspectos em três eixos: pessoal, social e institucional, como os principais determinantes para a contaminação pelo HIV em pessoas, grupos ou nações. Isto comprova que todos(as) estamos vulneráveis: homens, mulheres, negros(as), brancos(as), pobres e ricos(as), gays e heterossexuais.

A idéia de grupo de risco, associada à homossexualidade, contribui para que as mulheres não negociassem ou exigissem dos seus parceiros o uso da camisinha. E o resultado disto tem sido o dramático número de mulheres contaminadas.

A última estimativa (1999) afirma existirem 537.000 pessoas entre 15 e 49 anos infectadas pelo HIV no Brasil, sendo que as mulheres somam aproximadamente 220.000.

As mulheres e a AIDS



Desde que a AIDS surgiu no final da década de 70, foi considerada uma doença masculina, isto é, de homens cuja opção sexual é a homossexualidade ou a bissexualidade. No Brasil, a feminização da doença deu-se de forma muito rápida. Até 1984, entre os 127 casos oficialmente declarados havia apenas uma mulher. Em 1994 o salto foi muito grande: para cada cinco casos de AIDS em homens havia uma mulher. Em 1996 já havia para cada 3 casos de AIDS em homem, uma mulher infectada. Na faixa etária de 15 a 19 anos para cada homem infectado já havia uma mulher.

Dados de 1999 informam que dos 170.073 casos acumulados de casos de AIDS, de 1980 a agosto de 1999, 41.052 ocorreram em mulheres (24,1%).

A vasta maioria das mulheres infectadas pelo HIV no Brasil é constituída por donas de casa cujo único parceiro sexual é o próprio marido.

Este fenômeno, de "feminização da epidemia" vem acompanhado por um número cada vez maior de crianças atingidas.

Perfil da mulheres portadoras de HIV:

- 45% têm menos de 30 anos, em oposição a 34% dos casos masculinos na mesma faixa etária.
- a maioria teve em média de 2 a 3 parceiros ou estão casadas
- 75% das mulheres infectadas com mais de 19 anos, tem 8 anos de estudo ou menos.

Os(as) adolescentes estão vulneráveis quando:

- acham que nada vai acontecer com eles (as);
- não têm informações corretas sobre formas de contaminação e meio de prevenir a doença;
- não têm alguém confiável e responsável para ajudá-los(as) em situações de conflitos;
- fazem qualquer coisa para serem amados(as);
- fazem qualquer coisa para transar;
- têm insegurança e medo para expressar os seus sentimentos;
- não exercem a auto-determinação e não sabem impor-se, nem impor limites;
- não sabem como lidar com a sua saúde sexual e reprodutiva;
- usam drogas e álcool, o que faz com que "percam a cabeça";
- não sabem se defender de situações de violência, como assédios sexuais, estupros;
- não se respeitam e não respeitam os(as) outros(as)
- não usam a camisinha.

Mulheres e homens estão vulneráveis quando:

- compartilham a mesma seringa contaminada para uso de drogas injetáveis;
- não exercem a auto-determinação e não sabem impor-se nem impor limites;
- não sabem como lidar com a sua saúde sexual e reprodutiva;
- usam drogas e álcool, o que faz com que "percam a cabeça";
- não se respeitam e não respeitam os(as) outros(as)
- não usam a camisinha.
- as mulheres acreditam, sem certeza, que os parceiros só mantêm relação sexual com ela;
- os homens acreditam, sem certeza, que as parceiras só mantêm relação sexual com eles;
- os homens acreditam, sem certeza, que os parceiros só mantêm relação sexual com eles;
- as mulheres acreditam cegamente que são a "única" por serem casadas (há pouco ou muito tempo) e por não terem um diálogo aberto vivendo uma situação de opressão.

O corpo feminino e a vulnerabilidade

- O sêmen é mais eficiente na transmissão, isto é, tem maior concentração do HIV do que o muco vaginal.
- A mucosa vaginal rompe-se mais facilmente durante uma relação sexual do que o tecido da pele do pênis, mas menos do que na penetração anal. Com a penetração são abertas várias pequenas "portas de entrada" para o HIV.
- Pequenos ferimentos que ocorrem durante uma relação sexual causados por insuficiência da lubrificação vaginal, principalmente após uma certa idade, podem facilitar a transmissão, assim como irritações, inflamações ou infecções. A secura também pode acontecer se ela não estiver excitada.
- Falta de proteção (camisinha) na relação sexual durante a menstruação.
- Alguns contraceptivos (como o DIU, os contraceptivos orais de alta dosagem e alguns espermicidas) também criam um ambiente favorável à penetração do HIV.
- As relações sexuais entre mulheres, embora geralmente consideradas de baixo risco, também trarão na boca um aumento de vulnerabilidade se ocorrerem durante a menstruação, ou se houver infecções ou inflamações vaginais.

VULNERABILIDADE: é estar predisposto(a) a alguma coisa, algum fato, algum contágio, alguma contaminação.

Situações em que o vírus da AIDS não é transmitido:


- através de ações comuns da vida cotidiana
- na convivência com um(a) portador(a) do vírus
- ar ambiente, tosse ou espirro, conversa cara a cara
- toques, contatos, apertos de mãos, abraços, carícias, beijos, afagos
- suor, lágrima ou saliva
- alimentação, alimentos preparados por um(a) soropositivo(a), restos de comida de um(a) portador(a)
- copos, pratos, talheres e outros objetos
- vestuários, roupas de camas, toalhas
- assentos; vaso sanitário, cadeira escolar, chuveiros
- tocar nos mesmos objetos (maçaneta, dinheiro, material de escritório, livros, lápis, cadernos, canetas)
- saunas, piscinas, mesas de massagem
- picada de inseto
- contatos com animais
- doação de sangue em centros de coleta confiáveis

Como se adquire:

- por relações sexuais sem proteção, com penetração, pela vagina ou pelo ânus, ou no caso de sexo oral, particularmente com fluidos na boca
- através de transfusões de sangue e seus derivados (plasma, papa de hemáceas, imunoglobulinas, soro sanguíneo, etc) se o sangue não tiver sido testado e, também, pelo sangue menstrual
- pelo uso de agulhas e seringas não esterilizadas e reutilizadas para tomar remédios ou drogas na veia
- de mãe para filho na gestação, durante o parto ou na amamentação (é a chamada transmissão vertical)

Sintomas:

- suores durante o sono
- caroços, ínguas ou gânglios inchados ou inflamados
- diarreia prolongada por mais de um mês
- febre prolongada por mais de um mês
- rápida perda de peso, acima de 10% do peso habitual

 Estes sintomas podem aparecer em outras doenças. Só o exame pode dizer se a pessoa está com o vírus e só o médico pode avaliar cada caso e dar a orientação correta.

Saiba como usar a camisinha

Masculina



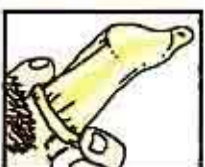
1. Só colocar a camisinha quando o pênis estiver duro, ereto.



2. Com a parte enrolada virada para fora, colocar na ponta do pênis.



3. Antes de desenrolar, apertar o bico na ponta da camisinha para retirar todo o ar; senão ela pode arrebentar na hora da ejaculação.

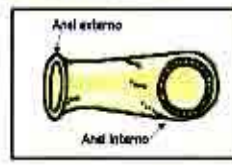


4. Desenrolar a camisinha até chegar na base do pênis, onde estão os pêlos, deixando livre o bico da ponta, onde vai ficar o esperma.



5. Retirar a camisinha logo depois de transar, com o pênis ainda duro, segurando pela borda, para que o esperma não saia. A camisinha é descartável e só deve ser usada uma vez. Depois de usada, deve ser jogada no lixo.

Feminina



1. Repare que o anel interno fica no fundo e o anel maior está colado na borda do saco.



2. Aperte o anel interno pelas bordas para que fique estreito e vire o saco de cabeça para baixo.



3. Coloque o anel já estreitado na entrada da vagina e, com os dedos, empurre o anel um pouco acima do osso púbico.



4. Você vai ver que o anel externo fica do lado de fora da vagina, cobrindo a vulva.



5. Durante a penetração, a mulher ajuda a guiar o pênis com uma das mãos e, com a outra, mantém o anel em seu lugar. Atenção: a camisinha feminina já vem lubrificada e é descartável.

FAÇA SEXO SEGURO

A AIDS NÃO TEM CURA. A VACINA AINDA ESTÁ SENDO PESQUISADA E A ÚNICA FORMA DE PREVENÇÃO É O USO CORRETO DA CAMISINHA.

De mães para filhos(as) Sobre Transmissão Vertical

Uma mulher grávida soropositiva pode transmitir o HIV (vírus da AIDS) para seu bebê durante a gravidez ou na hora do parto, pelo contato do sangue da mãe com o do bebê nestes momentos. Pode também transmitir através do seu leite. O Ministério da Saúde aconselha as mães soropositivas a não amamentar seus bebês.

No Brasil, a transmissão vertical - também denominada materno-infantil - é a principal via de infecção pelo HIV em crianças, sendo responsável por mais de 80% do total de casos em menores de 13 anos (1993-1999), e por mais de 90% se considerarmos apenas o período de 1998 a agosto de 1999, mês em que foram registrados no SUS (Sistema Único de Saúde) 4630 casos, com predomínio na região sudeste, sendo cerca de 40% de óbitos. Estimativas do número de gestantes infectadas pelo HIV apontam, atualmente, para cerca de 13 mil, considerando-se as idades de 15 a 49 anos.

Pode-se dizer que as crianças estão vulneráveis quando:

- a mãe tem o vírus ou já desenvolveu a doença;
- fazem cirurgia em hospital sem controle da qualidade do sangue;
- são estupradas por alguém contaminado.

Para debater:

Sobre AIDS e Escola

O que fazer com uma criança que tem AIDS quando chega a hora de ir para a escola? No Rio de Janeiro, a dúvida foi parar no tribunal por causa da recusa de uma escola em aceitar a matrícula de um menino de três anos. O caso aconteceu em 1998 e, em 11 de fevereiro de 2000, a escola foi condenada por um juiz da Segunda Vara Cível de Bangu a indenizar a criança e sua família em 50 salários mínimos (R\$6.800) por danos morais.

Depois de tentar sem sucesso matricular o filho em duas escolas, pois sempre fazia questão de dizer que ele era portador do vírus HIV, a mãe resolveu omitir a informação na terceira tentativa. Conseguiu a vaga. Chegou a pagar matrícula, comprar material e, no dia da compra do uniforme, foi informada pela direção que o menino não poderia ficar no colégio.

A mãe soube, então, que chegara à escola a informação de que o menino é soropositivo. A explicação do colégio foi de que não tinha estrutura para receber uma criança com Aids. Também havia o temor de que os pais de outros(as) alunos(as) tirassem os seus(uas) filhos(as), levando a instituição à falência.

O juiz disse, em sua decisão, que a escola não poderia ter se recusado a aceitar uma criança por causa de "um vírus que não se transmite pelo contato casual cotidiano". E considerou justa a indenização por danos morais pelo fato de o menino ter sido impedido "como se fosse nocivo ao meio" de "concretizar o sonho de conviver com outras crianças em uma escola".

O Anuário Estatístico do Rio de Janeiro registra 617 crianças com Aids no estado, que já enfrentaram ou enfrentarão o problema no futuro.

Noticiado no JB (11/02/2000)

Conhecer e garantir direitos

Portaria Interministerial no. 796, de 29 de maio de 1992

assinada pelos **Ministro da Saúde - Adib Jatene e Ministro da Educação - José Goldemberg**

Considerando o dever de proteger a dignidade e os direitos humanos das pessoas infectadas pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV)

Considerando que a educação é direito constitucionalmente definido e que o ensino fundamental é obrigatório...

Considerando que a limitação ou violação de direitos constitucionais à saúde, à educação e ao trabalho de pessoas infectadas pelo HIV não se justificam, resolvem:

Art. 1º. - Recomendar a observância das seguintes normas e procedimentos: I - A realização de teste sorológico compulsório, prévio à admissão ou matrícula de aluno, e a exigência de testes para a manutenção da matrícula e de sua frequência nas redes pública e privada de ensino de todos os níveis, são injustificadas e não devem ser exigidas;

II - Da mesma forma não devem ser exigidos testes sorológicos prévios à contratação e manutenção do emprego de professores e funcionários por parte de estabelecimentos de ensino;

III - Os indivíduos sorologicamente positivos, sejam alunos, professores ou funcionários, não estão obrigados a informar sobre sua condição à direção, a funcionários ou a qualquer outro membro da comunidade escolar;

IV - A divulgação de diagnóstico de infecção pelo HIV ou de Aids de que tenha conhecimento qualquer pessoa da comunidade escolar, entre alunos, professores, funcionários não deve ser feita;

V - Não deve ser permitida a existência de classes especiais ou de escolas específicas para infectados pelo HIV;

Art. 2º. - Recomendar a implantação, onde não exista, e a manutenção e ampliação, onde já se executa, de projeto educativo, enfatizando os aspectos de transmissão e prevenção da infecção pelo HIV e Aids, dirigido a professores, pais, alunos, funcionários e dirigentes das redes oficial e privada de todos os níveis, na forma do anexo.

1º - O projeto educativo de que trata o caput deste artigo deverá ser desenvolvido em todos os estabelecimentos de ensino do País, em todos os níveis, com participação e apoio dos serviços que compõem o Sistema Único de Saúde.

2º - Os conteúdos programáticos do projeto educativo deverão estar em consonância com as diretrizes do Programa Nacional de Controle de Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids do Ministério da Saúde;

3º - Os resultados do projeto educativo serão avaliados pela Coordenação do Programa Nacional de Controle de Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids e seus relatórios encaminhados periodicamente aos Ministros da Educação e da Saúde.

Outras DST's

Outras doenças sexualmente transmissíveis que ainda não saíram da moda e que, não sendo bem tratadas, torna as pessoas vulneráveis a AIDS.

Sífilis

Uma doença que ataca homens e mulheres, através da relação vaginal, anal ou oral. Pode causar graves complicações, se não for combatida a tempo.

Sintomas

A primeira manifestação da sífilis começa a surgir duas ou três semanas após a primeira relação sexual, através de uma ferida, que não dói, nos órgãos sexuais. A pessoa sente como se tivesse, por baixo da pele, localizados na virilha, um ou mais caroços, que também não doem, e íngua. Mesmo sem tratamento, a ferida desaparece depois de algum tempo, parecendo ter sido curada. Mas isto não é verdade: a doença continua no sangue e, meses depois, faz aparecer manchas em várias partes do corpo, inclusive nas palmas das mãos e solas dos pés. As manchas também desaparecem sozinhas, mas a pessoa continua doente.

Tricomonas

Parasitas que podem existir no corpo da mulher e do homem sem problemas, exceto quando entram em contato com os órgãos genitais, onde se multiplicam, provocando sintomas desagradáveis.

Sintomas

Na maioria das vezes os homens não apresentam sintomas, apesar de estarem contaminados e de transmitirem a doença. Na mulher, surge um corrimento amarelo esverdeado, espumoso e com cheiro forte. A doença atinge o colo do útero, a vagina, a uretra e a bexiga. Pode ocorrer infecção urinária. Em geral provoca coceira na vulva e, em estágio mais avançado, dor no baixo ventre.

MoniliaCândida

Doença causada pela proliferação de fungos que existem normalmente no ânus e na vagina, em pequenas quantidades.

Sintomas

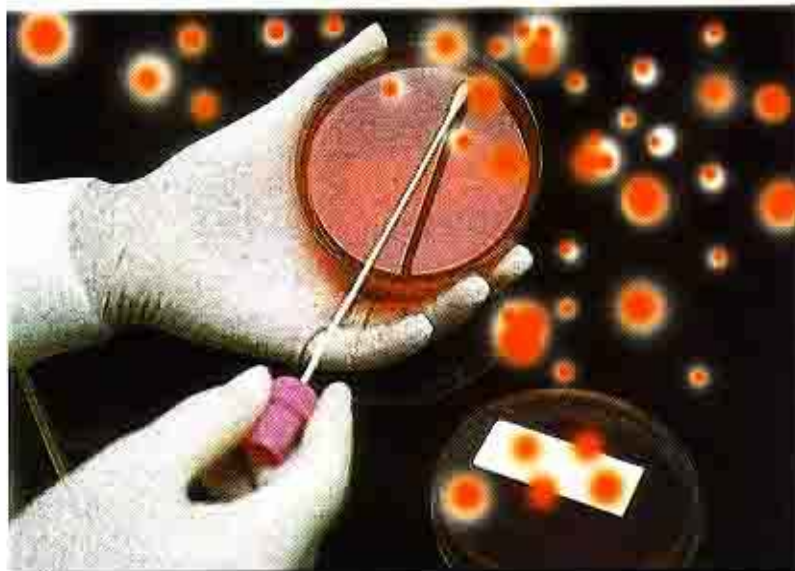
Na mulher, um corrimento branco, parecido com leite talhado, de cheiro azedo. Irritação e coceira na vulva e na entrada da vagina. Ardência ao urinar ou dor nas relações sexuais. A doença ataca o colo do útero, a vagina e a vulva.

Hemophilus Vaginalis ou Gardenerella Vaginalis

Bactéria recentemente reconhecida como causadora de grande número de infecções vaginais. Uma vez instalada, se desenvolve rapidamente.

Sintomas

Na mulher, um corrimento crônico, de cor branca acinzentada ou marrom claro e de cheiro desagradável (peixe podre). Pode provocar dor ou desconforto no ato sexual e dor no baixo ventre.





Gonorréia

A transmissão se dá através da secreção característica da doença, onde a bactéria se localiza. Pode ser através da relação vaginal, anal de oral.

Sintomas

Surgem de duas a três semanas depois da contaminação e de forma variada: nas mulheres é muito freqüente não aparecer nenhum sintoma, embora nelas a doença seja persistente e muito contagiosa. Corrimento amarelo e mal cheiroso saindo da vagina, do colo do útero ou da uretra, acompanhado de dor ao urinar. No homem, surge no canal urinário um corrimento amarelado, viscoso e com cheiro muito forte acompanhado de grande ardência ao urinar.

Cranco Mole

O bacilo se localiza na secreção característica das feridas que a doença provoca, e também na secreção vaginal.

Sintomas

Surgem de dois a cinco dias após a contaminação: aparecimento de uma ferida igual ao cancro da sífilis, provoca dor e só desaparece se for tratada. Pode aparecer mais de uma ferida.

Na mulher as feridas aparecem na vulva e no colo do útero. Pode haver corrimento vaginal, que também é contagioso. No homem, as feridas aparecem na cabeça do pênis.

Herpes Genital

Doença causada por um vírus (herpes). Além do contágio se dar através da relação sexual (vagina, oral, anal) pode acontecer também pelo contato, de algum lugar arranhado ou ferido do corpo, com a secreção típica das feridas do herpes. Depois de penetrar no corpo, o vírus se instala na base da espinha, onde fica habitando permanentemente.

Sintomas

De dois a vinte dias após o contágio, podem aparecer pequenas feridas que ardem como queimaduras. Essas feridas duram alguns dias e depois cicatrizam por si mesmas.

Na mulher, as bolhas aparecem na vulva, na vagina, no colo do útero e no períneo, podendo surgir secreção vaginal.

No homem, elas aparecem na cabeça e corpo do pênis e na uretra. Pode ocorrer surgimento e dor nos testículos.

Nos dois, as bolhas podem aparecer também no ânus, nádegas e coxas. Espalhadas pelas genitais, elas provocam dor e/ou incômodo ao urinar e nas relações sexuais. No período de incubação pode ocorrer febre, dor nas pernas e dor de cabeça.

Se a mulher tem a doença pela primeira vez durante a gravidez, os bebês podem adquirir problemas cerebrais e defeitos de nascença, como a cegueira.

19 O IMPÉRIO DO EFÊMERO

CORPO - SEXUALIDADE - MODA - PROPAGANDA E MÍDIA

O que vem a ser efêmero? Aquilo que dura pouco tempo, que é passageiro, que tem vida curta. Pode-se estar falando de objetos ou de relações entre pessoas. Comportamentos da moda, corpos da moda, estilos de vida da moda. Moda enquanto cultura de um determinado momento, época ou contexto sócio-cultural.

Diz-se que "a propaganda é a alma do negócio". Vivemos em um tempo de consumo, tempo de descartabilidade, um tempo em que "ter" é mais valorizado do que "ser."

Os valores que dão sentido à vida e à natureza muitas vezes sucumbem ao império dos valores que dão sentido ao lucro e ao mercado.

Mulheres maravilha e super homens, heróis armados, corpos mutantes e semi-andróides são criados pela propaganda e pela mídia a serviço da compra e venda de produtos e serviços, gerando, para quem não tem condições de acesso a marcas e grifes da moda, uma baixa auto-estima, porque a idéia que muitas(as) absorvem é a de que para ser feliz ou conquistar o(a) outro(a), para ser amado(a), precisa adquirir supérfluos e metamorfosear o corpo.

São corpos siliconizados (aplicação de silicone nos seios e nádegas), lipoaspirados (aspiração de gorduras localizadas, através de cirurgia), anabolizados (hormônios e químicas nos alimentos, comprimidos, injetáveis para aumentar a massa muscular).

As indústrias dos produtos diets - nem todas confiáveis - e de medicamentos "milagrosos" para um "corpo perfeito", assim como para a obtenção da virilidade e do prazer são sinais de uma cultura que trabalha com a ilusão de que estes produtos e procedimentos são o caminho para o paraíso. É neste sentido que o corpo e a sexualidade se transformam em mercadoria que vende ou consome outras mercadorias, mesmo considerando que as pessoas têm o direito de optar por fazer o que quiserem com o próprio corpo.

É no terreno da descartabilidade ou da rotatividade que também cria raízes, a cultura da violência, inclusive da violência doméstica, do assédio sexual, da prostituição infanto juvenil, da falta de auto-cuidado e de cuidado para com o(a) outro(a), dos estupros, da exploração da mão de obra infantil.

A Orientação Sexual nos dá, como educadores(as) do futuro, a oportunidade de questionar junto aos(as) alunos(as), padrões de corpo ou relacionamento afetivo e sexual que tentam determinar uma forma de ser como se fosse a única, e que artificializam a vida, ao invés de fortalecer a convivência saudável entre as diferenças.



Jean-Michel Basquiat - Sem título



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



Trabalhando em todo o Brasil

APOIO

